

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



ARTES

VOLUME 32, 2011

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A ARTE MILITAR NA EUROPA DOS SÉCULOS XI-XIII - UM VADE MECUM* **

I. Colocar a questão

O nosso conhecimento sobre a arte militar na Idade Média tem registado um progresso assinalável nas últimas décadas. Hoje, os especialistas já não duvidam de que - ao contrário do que fora sugerido por Charles Oman (1898 e 1924), Hans Delbuck (1907/1923), J. R. C. Fuller (1954) ou mesmo, embora de forma mais sofisticada, por Ferdinand Lot (1946) e John Beeler (1971)⁽¹⁾ - a sabedoria dos generais medievais ia muito

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Centro de História da Sociedade e da Cultura.

** Agradeço aos meus queridos colegas e Amigos, Doutores Francisco Garcia Fitz (Universidad de Extremadura, Cáceres), Martín Alvira Cabrer (Universidad Complutense de Madrid) e Miguel Gomes Martins (Universidade Nova de Lisboa), a leitura prévia deste texto e as numerosas sugestões de alteração e aprofundamento que o enriqueceram sobremaneira.

⁽¹⁾ Charles W. C. Oman, *A History of the Art of War in the Middle Ages. Volume One: 378-1278 AD; Volume Two: 1278-1475 AD*, Londres, Greenhill Books & California, Presidio Press, 1991 (reproduz a ed. revista e alargada de 1924; ed. orig.: *A History of the Art of War*, Methuen, 1898); Hans Delbuck, *History of the Art of War within the Framework of Political History - Volume III, The Middle Ages*, Londres, Greenwood Press, 1982 (trad. ingl. baseada na ed. de Berlim, 1923; ed. orig.: Berlim, 1907); J. F. C. Fuller, *The Decisive Battles of the Western World and their Influence on History. Volume One*. Londres, Eyre and Spottiswoode & Nova Iorque, Funk, 1954; Ferdinand Lot, *L'Art Militaire et les armées, au Moyen Âge*,

para além da organização de *raids* ou campanhas de cerco relativamente inconsequentes, pontuadas pela eclosão de algumas (raras) batalhas campais em que o acaso e o desempenho individual tinham um papel mais relevante do que a organização das hostes.

Tem sido demonstrado um pouco por toda a Europa, na sequência de estudos devidos sobretudo a autores anglo-saxónicos mas não só, que no universo dos conhecimentos tácticos e estratégicos dos comandantes militares da Idade Média havia muitos recursos para além das batalhas campais. Ou seja, a conquista (ou a defesa) de um território podiam ser objectivos alcançados graças a uma deliberada e paciente articulação de diversos movimentos militares distintos, onde as operações de assédio de castelos ou praças-fortes, a realização de cavalgadas de devastação de espaços sob controlo do inimigo e até a deflagração de combates abertos de pequena escala se podiam articular harmoniosamente* (2).

Mas, ao mesmo tempo, o nosso conhecimento sobre a forma como as batalhas se desenrolavam também sofreu uma evolução considerável, sobretudo a partir dos estudos pioneiros de J. E. Verbruggen acerca dos mecanismos de organização e de execução das cargas da cavalaria pesada no Ocidente europeu(3). Completados pelos ensaios magistrais de

en Europe et dans le Proche Orient, Paris, Payot, 1946 (2 vols.); e John Beeler, *Warfare in Feudal Europe, 730-1200*, Londres, Ithaca, 1971.

(2) Destaque-se, a título exemplificativo, os seguintes estudos: Jim Bradbury, *The Medieval Siege*, Woodbridge, The Boydell Press, 1992; John Gillingham, "Richard I and the Science of War in the Middle Ages", in Matthew Strickland (ed.), *Anglo-Norman Warfare*, Woodbridge, The Boydell Press, 1992, pp. 194-207 (ed. orig.: 1984); John Gillingham, "William the Bastard at War", in Matthew Strickland, *Anglo-Norman Warfare...*, pp. 143-160 (ed. orig.: 1989); Stephen Morillo, *Warfare under the Anglo-Norman Kings*, Woodbridge, The Boydell Press, 1994; Matthew Strickland, *War and Chivalry. The Conduct and Perception of War in England and Normandy, 1066-1217*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996; John France, *Western Warfare in the Age of the Crusades, 1000-1300*, Ithaca-Nova Iorque, Cornell University Press, 1999; Michael Prestwich, *Armies and Warfare in the Middle Ages. The English Experience*, New Haven e Londres, Yale University Press, 1996; e Francisco Garcia Fitz, *Castilla y León frente al Islam. Estrategias de expansión y tácticas militares (siglos XI-XIII)*, Sevilla, Universidad de Sevilla, 1998.

(3) J. F. Verbruggen, *The Art of War in Western Europe during the Middle Ages. From the Eight Century to 1340*, translated by S. Willard and S. C. M. Southern, Amsterdam-New York-Oxford, North Holland Publishing Company, 1977 (ed. orig.: 1954).

R. C. Smail (e, mais recentemente, de Christopher Marshall e de David Nicolle) sobre as técnicas de combate dos Cruzados na Terra Santa⁽⁴⁾, os trabalhos de Verbruggen abriram novas avenidas de investigação que têm sido bem aproveitadas pelos especialistas. Afinal, a forma de combate mais emblemática da cavalaria feudal tinha implicações organizativas, procedimentais e até psicológicas bem mais complexas do que se imaginava. E isso acarretava exigências técnicas, táticas e de liderança nada despidiendas, que se tornou forçoso conhecer melhor.

Entretanto, nos últimos anos, tem-se afirmado uma nova vaga de fundo que nos remete para um outro patamar, ainda mais interessante. Refiro-me à tese, defendida por autores como Matthew Bennett, John France ou mesmo Stephen Morillo⁽⁵⁾, segundo a qual as soluções de combate em batalha campal ao dispor dos comandantes medievais estavam longe de poder reduzir-se às técnicas de choque da cavalaria pesada. Pelo contrário, a ementa de recursos táticos ao dispor dos generais seria variada e incluiria - já desde muito antes dos inícios do séc. XIV (período geralmente associado à ideia de uma "revolução da infantaria") -, não só movimentações relevantes por parte da tropa apeada, como também desempenhos autónomos (e por vezes decisivos) a cargo de corpos de atiradores especializados (com arco ou com besta) e, sobretudo, soluções combinadas envolvendo as diversas "armas": cavalaria, infantaria e atiradores. O segredo estaria em encontrar para

⁽⁴⁾ R. C. Smail, *Crusading Warfare, 1097-1193*. 2.^a ed., com uma nova introdução bibliográfica por Christopher Marshall. Cambridge, Cambridge University Press, 1995 (ed. orig.: 1956); Christopher Marshall, *Warfare in the Latin East, 1192-1291*, Cambridge, Cambridge University Press, 1992; e David Nicolle, *Crusader Warfare. Volume I: Byzantium, Western Europe and The Battle for the Holy Land; Volume Two: Muslims, Mongols and the Struggle against the Crusades*, Londres-Nova Iorque, Hambledon Continuum, 2007.

⁽⁵⁾ Matthew Bennett, "The Myth of the Military Supremacy of Knightly Cavalry" (ed. orig.: 1998), in John France (ed.), *Medieval Warfare 1000-1300*, Surrey-Burlington, Ashgate, 2006, pp. 171-183; John France, *Western Warfare...*, pp. 150-165; e John France, "A Changing Balance: Cavalry and Infantry, 1000-1300", *Revista de História das Ideias*, vol. 30, 2009, pp. 153-177; Stephen Morillo, "The 'Age of Cavalry' Revisited", in Donald J. Kagay and L. J. Andrew Villalon (eds.), *The Circle of War in the Middle Ages*, Woodbridge, The Boydell Press, 1999, pp. 45-58.

cada desafio concreto - em função dos efectivos, do terreno, do clima, do armamento ou da condição anímica dos homens - a solução mais eficaz.

Vista sob este prisma, a arte militar que se desenvolveu no Ocidente europeu a partir de 1066 (conquista normanda da Inglaterra: batalha de Hastings) poderá, afinal, ser muito diferente daquela que aprendemos a admirar... É justamente esse o problema que gostaríamos de considerar neste ensaio. Para tanto, conscientes de que apenas uma observação cuidadosa de um conjunto representativo de casos concretos nos permitirá elevar-nos a conclusões gerais minimamente fundamentadas, escolhemos 20 'casos de estudo' que correspondem a batalhas travadas no Ocidente europeu (excluímos portanto, logo à partida, os combates na Terra Santa) entre 1066 (quando Guilherme O *Conquistador* se tornou rei de Inglaterra) e 1295 (data de uma vitória *in extremis* de Eduardo I no País de Gales). Desses 20 casos, dois datam da 2.^a metade do séc. XI, nove do séc. XII e os outros nove do séc. XIII.

Procurámos escolher sobretudo casos militarmente representativos, tanto quanto possível politicamente importantes e sobre os quais exista um mínimo de informação segura disponível. Quisemos igualmente abarcar nesta amostra urna geografia variada: assim, consideraremos 5 casos ocorridos em Inglaterra, 5 na Península Ibérica, 3 na Normandia, 2 em Itália, 2 na Flandres, 1 na Alemanha, 1 no Sul de França e 1 em Gales. O nosso olhar teve sobretudo em consideração aspectos como:

- i) identificação de exemplos de cargas frontais da cavalaria pesada;
- ii) presença de outras formas de ataque da cavalaria feudal; iii) utilização de cavalaria ligeira; iv) casos de cavaleiros que desmontam para combater a pé; v) formas de utilização da infantaria (sozinha ou em articulação com cavalaria, em posição defensiva ou em atitude ofensiva); vi) papel relevante dos atiradores com arco ou com besta; vii) casos flagrantes de boa combinação de "armas"; viii) exemplos de manobras de fuga simulada; ix) situações de utilização premeditada de reservas; x) exemplos de manobras de envolvimento pelos flancos e / ou de ataque à retaguarda inimiga; xi) descrições relevantes de episódios de fuga ou de perseguição cerrada; xii) casos flagrantes de indisciplina táctica; xiii) exemplos de episódios de bravata (ou de cobardia) com incidência no resultado do combate; xiv) situações em que a (boa ou má) qualidade do comando parece ter tido influência decisiva no desfecho final; xv) circunstâncias específicas de eclosão da batalha (desejada por ambas

ou apenas por urna das partes, articulada ou não com acções de cerco ou de devastação do território).

Trataremos agora de sintetizar o essencial da informação recolhida, desde logo facultando ao leitor uma ferramenta de trabalho que lhe poderá ser útil em futuras investigações. Ao mesmo tempo, temos esperança de que, no final do nosso inquérito, a qualidade dos exemplos considerados nos permita elevar-nos a algumas conclusões gerais interessantes sobre cada um dos aspectos referidos (e sobre outros que, entretanto, pareça oportuno considerar também). Naturalmente, o volume (e a qualidade) da informação disponível é muito desigual de batalha para batalha, mas essa é uma limitação com que teremos de viver: não nos foi possível equilibrar mais as sínteses sobre os 20 "study cases" seleccionados.

II. O inquérito

HASTINGS (extremo sul de Inglaterra, 14/Out./1066):

Conquista normanda da Inglaterra. Vitória de Guilherme-o-Conquistador, duque da Normandia, sobre Harold II Godwinson, rei de Inglaterra (que regressou à pressa do norte, onde acabara de derrotar uma invasão norueguesa: batalha de Stamford Bridge).

O monarca inglês, que sabia que o adversário desejava travar batalha, escolheu o terreno e dispôs a sua tropa, toda ela apeada, no cimo da colina de Battle. Formou uma parede de escudos, ligeiramente arqueada, com a tropa pesada (os "Huscarls", guarda real) no centro e as milícias regionais ("fyrd") nas alas. Estavam habituados a combater a pé e armados com elmos, cotas de malha, espadas, lanças e machados. Seriam uns 6 a 7 mil homens (incluindo alguns, poucos, arqueiros e perto de mil "Huscarls").

Guilherme (que dispunha de 6 a 8 mil homens, incluindo mil a dois mil cavaleiros muito experientes e bastantes arqueiros) organizou três corpos de cavalaria (armada de cota de malha, elmo com nasal, escudo, lança comprida e espada) atrás de uma linha de atiradores de infantaria. Foi ele que iniciou a batalha, com um ataque de infantaria e arqueiros pouco eficaz e rapidamente suspenso para permitir à cavalaria entrar em acção. Seguiu-se uma série de cargas da cavalaria normanda pelo monte acima, contra uma parede de escudos anglo-saxónica que se revelou

inabalável, os homens bem cerrados uns contra os outros e mutuamente protegidos pelos escudos em forma de lágrima. E impossível determinar quantas cargas foram executadas, mas o processo arrastou-se durante várias horas. A dada altura, um eventual rumor acerca da morte de Guilherme terá obrigado este a retirar o elmo para se mostrar aos seus homens.

Os cavaleiros normandos executam então duas manobras de fuga simulada, graças às quais (pelo menos no 2.º caso) logram atrair muita infantaria adversária em sua perseguição, incluindo dois irmãos de Harold. Subitamente, num movimento estudado, os Normandos fazem meia-volta e caem sobre os seus perseguidores, apanhados de surpresa, que são cilindrados. Harold ainda tenta reagrupar a sua infantaria numa nova parede de escudos, com os homens que tinham permanecido no cume do monte. Mas a manobra é difícil no ambiente criado e com os homens já exaustos. Os arqueiros normandos aproveitam para disparar e desorganizar ainda mais a linha inglesa. Harold acaba por ser morto com uma seta num olho. O resto dos seus homens retira do campo de batalha, dando a vitória a Guilherme. Era o início da conquista da Inglaterra pelos Normandos, naquela que foi talvez a batalha mais importante de toda a Idade Média⁽⁶⁾.

SAGRAJAS / ZALACA (P. Ibérica, região de Badajoz-Mérida, 23/Out./1086):

Reconquista ibérica. Vitória de uma coligação muçulmana liderada pelo emir almorávida Yusuf ibn Tashfín sobre o exército cristão do rei Afonso VI de Leão (1065-1109). Em 1085, Toledo (antiga capital da

⁽⁶⁾ Stephen Morillo (ed.), *The Battle of Hastings. Sources and Interpretations*, Woodbridge, The Boydell Press, 1996; Kelly DeVries, "Hastings 1066", in Michael Spilling (proj. ed.), *Battles of the Medieval World*, Londres, Amber Books, 2006, pp. 18-29; Jim Bradbury, *Medieval Warfare (The Routledge Companion to)*, Oxon, Routledge, 2006, pp. 150-151; Jim Bradbury, "Battles in England and Normandy, 1066-1154", in Matthew Strickland (ed.), *Anglo-Norman Warfare...*, pp. 185-187; Jim Bradbury, *The Battle of Hastings*, Stroud, Sutton Publishing, 1998; Matthew Bennett, *The Myth...*, pp. 176-178; John France, *Western Warfare...*, pp. 156-161; John France, "Crusading Warfare and its Adaptation to Eastern Conditions in the Twelfth Century" (ed. orig.: 2000), in John France (ed.), *Medieval Warfare...*, p. 457; John France, *A Changing Balance...*, p. 156; Stephen Morillo, "Expecting Cowardice: Medieval Tactics Reconsidered", *Journal of Medieval Military History*, vol. 4, 2006, p. 71.

Espanha visigótica) caíra às mãos do rei leonés. O impacto psicológico da queda da 1.^a grande cidade muçulmana alarmou o rei de Sevilha (al-Mu'tamid), que em 1086 solicitou o auxílio dos Almoravidas (a dinastia berbere que reinava sobre Marrocos e uma parte da Argélia). Rapidamente os muçulmanos organizaram uma vasta coligação, que reunia o rei sevilhano, o emir almorávida e os reis de Málaga e de Badajoz. Um enorme exército concentrou-se em Algeciras e partiu depois na direcção de Toledo. Afonso VI abandonou então o cerco de Saragoça e correu ao sul, na companhia de auxiliares aragoneses e franceses.

Os dois exércitos encontraram-se em Sagrajas [Zalaca], perto de Badajoz. As fontes não permitem ir muito longe na reconstituição desta batalha, mas parece certo que foi Afonso VI quem iniciou o combate (quebrando um pacto entre as partes quanto ao dia do ordálio). Não sabemos se os muçulmanos foram ou não apanhados de surpresa, mas parece que sim e é certo que estavam divididos em dois corpos: um mais avançado, com o rei de taifa sevilhano; e outro na retaguarda, com o emir almorávida.

Os cristãos, com provável excesso de confiança (apesar de apenas terem conseguido reunir uns 2.500 homens, incluindo 1.500 cavaleiros), atacaram a cavalo a vanguarda inimiga, composta sobretudo por tropas andaluzes. Enquanto esta travava a custo a carga (talvez frontal) cristã, o emir almorávida partiu da retaguarda e executou uma manobra envolvente com os restantes efectivos, tendo destruído primeiro o acampamento cristão (que Afonso VI fortificara, talvez para utilizar como refúgio) e, depois, atacado pelas costas o exército afonsino (que ainda enfrentava os andaluzes). Este movimento decidiu a jornada a favor da coligação muçulmana.

Convém acrescentar que algumas crónicas islâmicas (tardias) que referem detalhes sobre os efectivos de Afonso VI afirmam que, antes do ataque, estes se organizaram em "esquadrões" e se posicionaram de ambos os lados do rei. Ora, isto sugere uma ordenação em linhas articuladas em "conrois" (segundo a definição clássica de Verbruggen: formações de 12 a 24 cavaleiros, dos quais 6 a 8 na linha da frente e os restantes em 2.^a ou 3.^a linhas; a justaposição de "conrois" é que formaria a "az" ou "batalha", i.é, formações rectangulares com uma profundidade de 2 ou 3 homens e uma frente de 50,60 ou mais cavaleiros e escudeiros). Como quer que seja, Afonso VI foi obrigado a retirar para Toledo,

tendo esta batalha assinalado uma viragem da Reconquista: em 1090, Yusuf atacaria Toledo e, depois, anexaria os "reinos de taifas"⁽⁷⁾.

TINCHEBRAI (Normandia, zona oeste, região de Avranches, 29 /Set. /1106):

Guerras anglo-normandas. Vitória de Henrique I de Inglaterra (filho de Guilherme-o-Conquistador) sobre o seu irmão Robert Curthose, duque da Normandia. Foi a primeira batalha relevante da guerra anglo-normanda, 40 anos depois de Hastings. Assinala o agudizar da luta entre os filhos de Guilherme pelo controlo da Inglaterra e do ducado da Normandia.

Robert Curthose invadira a Inglaterra, ambicionando o trono, mas fracassara. Em resposta, Henrique I (1100-1135) invadiu a Normandia em 1105 e cercou o castelo de Tinchebrai, de que era alcaide o duque de Mortain. Este apelou a Robert Curthose, que, como seu suserano, ou admitia a perda da fortaleza ou a contestava no terreno. Robert aceitou o desafio e avançou para Tinchebrai. Henrique I optou por se manter em campo pelo que a batalha acabou por ser travada "diante de Tinchebrai" (carta do rei inglês), em terreno plano.

Henrique formou o seu exército em duas linhas principais, ambas a pé. Segundo uma preciosa carta de um padre de Fécamp, escrita logo após a batalha, na 1.^a linha estava a peonagem das vilas de Bayeux, de Avranches e de Coutances; e, na 2.^a, o rei e os seus barões, todos desmontados. Em cada linha haveria uns 700 homens. Segundo alguns autores, haveria também alguma cavalaria nas alas. Certo é que, mais atrás, num dos flancos (não sabemos bem em qual), foi escondida uma força de cavalaria sob o comando de Hélias de Maine.

A batalha iniciou-se com uma carga maciça do exército de Robert Curthose (que contava com cavalaria e com alguma infantaria, desconhecemos em que quantidades). Segundo a carta do sacerdote, foi uma carga executada por homens bem adestrados nas Cruzadas (logo, talvez interpretada por cavaleiros em formação cerrada e com as lanças deitadas, seguras debaixo das axilas). Todavia, a tropa apeada de Henrique I aguentou firmemente a arremetida do irmão do monarca,

⁽⁷⁾ J. F. Verbruggen, *The Art of War...*, p. 96; F. García Fitz, *Castilla y León...*, pp. 396-397; F. García Fitz, *Las Navas de Tolosa*, Barcelona, Ariel, 2005, p. 522; John France, *Western Warfare...*, p. 162.

sem se desorganizar. O rei deu então sinal ao corpo de reserva emboscado à distância e Hélias de Maine surgiu no campo de batalha e atacou com todo o ímpeto um dos flancos do exército rebelde. O impacto físico e psicológico desta carga de surpresa rompeu as linhas adversárias e induziu o pânico e a cobardia, causando a derrota de Curthose (que foi ele próprio capturado durante a luta e jamais seria libertado). Henrique I tornou-se, assim, duque da Normandia⁽⁸⁾.

UCLÉS (P. Ibérica, região de Toledo-Cuenca, 29/Maio/1108⁽⁹⁾):

Reconquista ibérica. Vitória de Tamin, irmão do novo emir almorávida, Ali ibn Yusuf (1106-1143), sobre o exército cristão liderado pelo infante leonés D. Sancho e pelo conde Garcia Ordóñez. No rescaldo da batalha de Sagrajas/Zalaca - 1086 (cf. supra) nada voltou a ser como dantes. Desde 1106, Tamin governa a Hispânia almorávida a partir de Granada. Em 1108, cerca Uclés. Em socorro da praça, ocorre um exército cristão comandado pelo infante D. Sancho. Os muçulmanos formaram um dispositivo em linha apresentando cinco corpos: vanguarda, centro, retaguarda, ala direita e ala esquerda. Procederam também à fortificação do seu acampamento.

Tal como em Sagrajas, os cristãos tomaram a iniciativa e lançaram uma carga de cavalaria que uma testemunha ocular descreve de forma expressiva: "Entonces aparecieron los extranjerios en lo negro de la noche y en lo espumoso de la corriente, marchando derechos hacia el que les anunciaba la muerte con escudos como montículos y con lanzas como mástiles, como si echasen ramas por los lados y como si estuviesen

⁽⁸⁾ J. F. Verbruggen, *The Art of War...*, p. 96; Jim Bradbury, *Medieval Warfare...*, p. 153; Jim Bradbury, *Battles in England and Normandy...*, pp. 187-188; Matthew Bennett, *The Myth...*, pp. 177-178; Matthew Bennett, "Wace and Warfare", in Matthew Strickland (ed.), *Anglo-Norman Warfare...*, p. 247; John France, *Western Warfare...*, p. 159; John France, *A Changing Balance...*, p. 156; Stephen Morillo, *Expecting Cowardice...*, p. 71; Michael Prestwich, *Armies and Warfare...*, pp. 315-316.

⁽⁹⁾ Datação proposta por Ambrosio Huici Miranda, *Las grandes batallas de la Reconquista durante las invasiones africanas (Almorávides, Almohades y Benimerines)*, Madrid, 1956; ed. facsímil con estudio preliminar de E. Molina López y C. Navarro Oltra, Granada, 2000, pp. 114-117, pois o dia exacto do combate não é indicado por nenhuma fonte. Agradeço ao meu querido amigo Francisco Garcia Fitz esta informação.

encerrados en hierro. Avanzaban y la muerte los apresaba, cabalgaban y el fallecimiento les señalaba su término; sacaban las lenguas como las sacan las serpientes. Habían jurado que no volverían atrás y se comprometieron a ir unidos" (carta de Abu-l-Tahir).

A carga atingiu a vanguarda muçulmana, que teve dificuldade em aguentar o impacto e que foi obrigada a retroceder até ao momento em que a sua resistencia foi secundada pelo corpo central do exército, que absorveu o ímpeto do assalto. Passou-se então ao corpo-a-corpo. Enquanto isso, porém, as alas do exército almorávida envolveram a hoste cristã pelos flancos, assaltaram o seu acampamento e, tal como em Sagrajas, caíram depois sobre as costas do adversário, ao mesmo tempo que a retaguarda muçulmana avançava, com isso fechando o cerco ao exército cristão. No combate, morreria o infante D. Sancho⁽¹⁰⁾.

BRÉMULE (Normandia, região de Rouen, 20/ Ag./1119):

Guerras anglo-normandas. Vitória de Henrique I de Inglaterra sobre uma força invasora comandada pelo rei Luís VI de França (1108-1137), aliado com Foulque de Anjou. Os invasores pretendiam fazer William Clito (filho de Robert Curthose, o derrotado de Tinchebrai) duque da Normandia. Apesar do número de efectivos envolvido não ter sido grande (cerca de 900 cavaleiros, segundo Orderico Vital), esta batalha é relevante, pois envolveu os monarcas de França e de Inglaterra e foi um teste à capacidade de Henrique I para conservar a Normandia. Dispomos de boas fontes (de ambos os lados) sobre o evento (Suger, Orderico, Henry of Huntigdon, etc.), que concordam no essencial.

Não se conhece o local exacto do combate, mas sabe-se que Henrique seguiu com cuidado os movimentos do adversário através de batedores colocados no outeiro de Verclives, perto do qual "há um terreno aberto e uma larga planície chamada Brémule" (Orderico). Campo plano, portanto, favorável à cavalaria. E, todavia, quem o escolheu (Henrique I) optou por combater maioritariamente a pé, com as tropas divididas em três ou quatro unidades, escalonadas em sucessivas linhas de defesa.

Apesar de fortemente instado a não o fazer (dada a superioridade numérica do adversário), Luís VI de França, impaciente, decidiu atacar

⁽¹⁰⁾F. García Fitz, *Castilla y León...*, p. 397; F. García Fitz, *Las Navas de Tolosa...*, pp. 522-523.

e ordenou uma carga a cavalo. Todos os cronistas reconhecem o déficit de organização e disciplina deste movimento e Orderico Vital explica mesmo: "É certo que os Franceses lançaram o 1.º ataque feroz mas, carregando em desordem, foram batidos e, cansando-se rapidamente, recuaram ignominiosamente" (*Historia Aecclesiastica*). Em consonância, a carga fracassou e 80 cavaleiros franceses tombaram mortos. Uma 2.ª carga falhou igualmente o seu objectivo (a penetração), apesar de Henrique I ter chegado a ser atingido na cabeça (sem consequências, graças ao capuz de malha metálica do seu *hauberk*). Os Franceses desuniram-se e Luís VI acabou por fugir para Andely, através da floresta.

As baixas só não foram mais elevadas porque, como explica Orderico, os cavaleiros "estavam todos revestidos de malha e pouparam-se uns aos outros de ambos os lados por temor a Deus e por camaradagem de armas". Segundo alguns autores, é possível que tenha havido também arqueiros envolvidos nesta vitória da cavalaria desmontada inglesa, dada a forma como Orderico alude aos cavalos de Guillaume Crispin a serem "rapidamente abatidos"⁽¹¹⁾.

BOURGTHEROULDE (Normandia, região de Rouen, 26/Março/1124):

Guerras anglo-normandas. Nova vitória inglesa sobre os rebeldes normandos, liderados por Waleran de Meulan. Apesar da ausência dos monarcas, trata-se de um combate muito interessante do ponto de vista táctico e sobre o qual há boas narrativas coevas (design. Orderico Vital). Sobre o local, sabe-se apenas que foi nas imediações da cidade de Bourgttheroulde, numa região bastante plana. Waleran de Meulan, em revolta contra Henrique I, regressava de uma expedição de socorro ao seu castelo de Vateville (a norte, na direcção de Beaumont). Levantou o assédio e, na volta, encontrou o caminho bloqueado por uma força da Casa de Henrique I recrutada nas guarnições das fortalezas vizinhas, sob

⁽¹¹⁾ J. F. Verbruggen, *The Art of War...*, p. 97; Jim Bradbury, *Medieval Warfare...*, p. 148; Jim Bradbury, *Battles in England and Normandy...*, pp. 189-190; John France, *Western Warfare...*, pp. 159-160; John France, *A Changing Balance...*, pp. 156-157 e 159; Claude Gaier, "Témérité et bravade chevaleresques: une composante tactique embarrassante", *Revista de Historia das Ideias*, vol. 30,2009, p. 126; Michael Prestwich, *Armies and Warfare...*, p. 316.

o comando de Odo Borleng (capitão das tropas da Casa Real), William of Tancarville (capelão de Henrique) e Ralph de Bayeux (alcaide de Évreux).

Apesar dos conselhos prudentes de Amaury de Montfort (conde de Évreux) para evitar o combate contra um adversário superior em número, Waleran decide aceitar a batalha. Então, as tropas realistas, após alguma discussão e sob proposta de Odo Borleng, decidem desmontar uma grande parte dos homens-de-armas para resistirem melhor ao embate e para não lançarem a vergonha sobre o seu monarca recusando a luta (tática que os adversários consideraram degradante).

Segundo Robert de Torigny, os arqueiros ingleses foram mandados para diante, sobre o flanco esquerdo. Pretendia-se decerto que eles visassem os cavaleiros inimigos do lado direito destes, onde não beneficiavam da protecção dos escudos. Ora, foram estes atiradores que decidiram a jornada: os cavalos normandos em processo de carga foram dizimados, incluindo o de Waleran, que foi capturado. Foi o fim da rebelião normanda.

Embora fosse frequente os peões serem arqueiros, raramente foram tão eficientes quanto em Bourghéroulde, pedindo meças à prestação dos arqueiros ingleses na Guerra dos Cem Anos. O discurso de Odo Borleng antes da batalha resume o segredo da vitória: "O melhor plano é uma parte dos nossos homens desmontar e aprontar-se para travar a batalha a pé, enquanto o resto permanece montado, pronto para a refrega. Coloquemos também uma força de arqueiros na linha da frente e obriguemos as tropas inimigas a abrandar ferindo os seus cavalos" (O. Vital)⁽¹²⁾.

THIELT / AXSPOELE (Flandres, 21/Junho/1128):

Disputa pelo condado de Flandres, com vitória de William Clito (filho de Robert Curthose, o derrotado de Tinchebrai-1106) sobre Thierry da Alsácia. Tanto Clito como Thierry eram pretendentes ao condado de Flandres. Thierry (que dispunha de c. 300 cavaleiros e 1.500 peões) cercara em Axspoele um partidário de Clito. Este acorreu em seu socorro

⁽¹²⁾ J. F. Verbruggen, *The Art of War*..p. 97; Jim Bradbury, *Medieval Warfare...*, pp. 147-148; Jim Bradbury, *Battles in England and Normandy...*, pp. 183 e 190; John France, *Western Warfare...*, p. 159; John France, *A Changing Balance...*, p. 156; John France, *Crusading Warfare...*, p. 457; Claude Gaier, *Témérité et bravade...*, p. 126; Michael Prestwich, *Armies and Warfare...*, p. 317.

com um exército de cavaleiros (c. 450): reconheceu cuidadosamente o adversário (quantos auxiliares, quantos verdadeiros soldados, etc.) e decidiu-se pela batalha.

Na manhã de dia 21, Clito dispôs o seu exército em três unidades, duas delas bem à vista do adversário, no cume do monte que dominava a cidade, e a 3.^a escondida atrás do declive. As duas unidades de cavaleiros de Thierry atacaram pelo monte acima, primeiro com as lanças debaixo dos braços e depois com as espadas. Abriram caminho entre o adversário, que cedeu.

Porém, talvez se tenha tratado de uma fuga simulada, uma vez que a unidade de reserva de Clito, composta por cavaleiros frescos, caiu então sobre as forças perseguidoras em desordem de Thierry e atirou-se seguidamente pela infantaria adversária adentro, matando e desbaratando quase a seu bel-prazer (cf. a narrativa de Galbert de Bruges, "The Murder of Charles the Good"). Tratou-se de uma força de cavalaria excepcionalmente bem controlada e que obteve um sucesso assinalável. A batalha de Thielt/ Axspoele foi o triunfo da astúcia e do controlo sobre a carga em massa, já de si condicionada pela inclinação do terreno⁽¹³⁾.

STANDARD / NORTHALLERTON (norte de Inglaterra, Yorkshire, 22 /Ag. /1138):

Guerras anglo-escocesas. Vitória de um exército inglês favorável ao rei Estêvão (1135-1154, sobrinho de Henrique I; filho do conde de Blois e de Adela, filha de Guilherme O *Conquistador*) sobre o rei da Escócia, David I, tio da imperatriz Matilde (apoiado por barões dissidentes ingleses que tinham encontrado refúgio na sua corte). Foi a 3.^a invasão escocesa da Inglaterra em 1138.

O rei Estêvão estava ocupado a sul, pelo que foi um exército nortenho, recrutado pelo Arcebispo de York e liderado pelos magnates Walter Espec e William of Aumale, a enfrentar a ameaça escocesa. Juntou-se-lhes um corpo de cavalaria da Casa Real (sob o comando de Bernard of Balliol) e alguns reforços das "Midlands". A batalha travou-se uns

⁽¹³⁾J. F. Verbruggen, *The Art of War...*, p. 90; John France, *Western Warfare...*, p. 162; John France, *A Changing Balance...*, pp. 159-160.

4,5 km a leste ou, mais provavelmente, a norte da cidade de Northallerton, numa zona de planície.

A chegada dos cavaleiros de Balliol encorajou os Ingleses a travar batalha. As melhores tropas desmontaram e formaram na linha da frente, reforçando a peonagem das levas locais. O cronista Henry of Huntingdon (*Historia Anglorum*) explica que no meio deles foram intercalados arqueiros ("sagittarii equites inmixti"). Esta tropa apeada inglesa foi firmemente aglutinada em torno de uma carroça com um mastro decorado com bandeiras eclesiásticas nortistas, tendo no topo um cibório de prata que continha a hóstia: o "Standard" (daí o nome por que a batalha também é conhecida). Os cavaleiros ingleses que permaneceram montados e os cavalos dos que se apearam foram enviados mais para trás, a uma certa distância, segundo Richard of Hexham (*Chronicles of the Reigns of Stephen, Henry II and Richard I*) para que os animais não se aterrorizassem com os gritos de guerra dos Escoceses.

Do lado destes, a grande maioria estava a pé, excepto uma pequena força de cavalaria liderada por Henry, filho do rei David. Entre a tropa apeada escocesa destacavam-se os ferozes "Galwegians" (oriundos de Galloway), que forçaram a sua colocação na linha da frente, lugar que consideravam pertencer-lhes por direito. David (que ignorou os conselhos para evitar o combate) parece ter depositado as suas esperanças num ataque de surpresa, ao abrigo do nevoeiro, objectivo que não conseguiu concretizar. Então, os "Galwegians" avançaram, de forma agressiva mas muito indisciplinada, sendo crivados de setas pelos arqueiros ingleses. Um dos chefes foi derrubado e os restantes fugiram, lançando o pânico. De acordo com Ailred, "tal como um ouriço coberto de espinhos, assim estavam os Galwegians com setas" (*Chronicles of the Reigns of Stephen, Henry II and Richard I*).

Henry ainda conduziu uma briosa carga a cavalo sobre um dos flancos, mas foi mal sucedido perante a sólida formação de cavaleiros desmontados e peonagem adversária reunida em torno do seu "Standard". Como explica Henry of Huntingdon (a fonte-matriz desta batalha), ao relatar a investida de David: "Mas os seus cavaleiros montados não podiam de modo algum prosseguir contra cavaleiros couraçados que combatiam a pé, cerrados uns com os outros numa formação imóvel". Os Escoceses acabaram por se desorganizar e fugiram, perseguidos pelos Ingleses. A batalha deve ter durado umas duas horas. David pagou caro o erro inicial de permitir a colocação

dos "Galwegians" na sua vanguarda, possibilitando-lhes a abertura das hostilidades⁽¹⁴⁾.

LINCOLN (centro-leste de Inglaterra, 2/Fev./1141):

Trata-se da última grande batalha do período normando. Derrota do rei Estêvão de Inglaterra às mãos do conde Robert of Gloucester. Foi travada em terreno plano, a norte ou, mais provavelmente, a oeste da cidade de Lincoln, cujo castelo tinha sido tomado em 1140, através de um arдил, pelos meio-irmãos Ranulf (conde de Chester) e William de Roumare. O rei Estêvão acorreu ao apelo do bispo e dos cidadãos de Lincoln para recuperar a fortaleza por meio de um cerco. A população franqueou a entrada na cidade ao seu rei, mas os rebeldes mantinham o controlo do castelo.

Então, o conde de Chester e Robert of Gloucester (em nome da imperatriz Matilde de Boulogne, mulher do rei Estêvão desde 1125 e herdeira do trono de Inglaterra) reuniram um exército na zona ocidental da Ilha e vieram tentar o descerco. A sua força era mais numerosa do que a de Estêvão, que se debatia também com problemas de lealdade no seio do seu exército. Por isso, o rei foi vivamente aconselhado a retirar (os de Lincoln resistiriam enquanto o monarca recrutasse mais tropas), mas insistiu em combater para não "manchar a sua reputação com a vergonha de fugir" (*Gesta Stephani*), ou talvez na esperança de conseguir eliminar o seu arqui-rival.

Robert of Gloucester atravessou o rio Whitam e Estêvão, descendo do outeiro onde concentrara a sua força (quicá para ficar ao abrigo de possíveis surtidas da guarnição), surgiu do lado poente. Ele e alguns cavaleiros desmontaram e colocaram-se no centro, ao lado da peonagem (em especial a milícia de Lincoln), mas nas alas ficou alguma (escassa) cavalaria; alguns Angevinos desmontaram também para combater a pé. Do lado contrário, Robert of Gloucester organizou as suas forças em três divisões, com as tropas de Ranulf na frente, as dos magnates deserdados por Estêvão na 2.^a fila e, por fim, os homens de Gloucester. As fontes são

⁽¹⁴⁾ J. F. Verbruggen, *The Art of War...*, p. 97; Jim Bradbury, *Medieval Warfare...*, pp. 86 e 151; Jim Bradbury, *Battles in England and Normandy...*, pp. 191-192; John France, *Western Warfare...*, p. 163; Stephen Morillo, *Expecting Cowardice...*, p. 71; Claude Gaier, *Témérité et bravade...*, p. 126; Michael Prestwich, *Armies and Warfare...*, p. 316; Matthew Bennett, *Wace and Warfare...*, p. 249 (n. 31).

muito pouco informativas quanto à disposição dos arqueiros presentes no campo de batalha.

A cavalaria real começou o ataque e cilindrou a mal equipada infantaria galesa que alinhava do lado dos rebeldes. Porém, os condes retaliaram com um forte ataque a cavalo que derrotou a tropa montada do rei Estêvão. Este viu-se encurralado e sem qualquer mobilidade (a cavalaria real, desbaratada, depressa fugiu do campo de batalha), ao lado das suas forças de infantaria e cavalaria apeada. Rodeado de adversários, lutou com a própria espada até esta quebrar, e depois com uma acha-de-armas dinamarquesa que lhe foi cedida por um cidadão de Lincoln. Segundo as fontes, Estêvão resistiu "como um leão, rangendo os dentes e espumando pela boca como um javali" (*Chronicles of the Reigns of Stephen, Henry II and Richard 7*), até ser atingido na cabeça por uma pedra. Acabou capturado, pagando os custos da decisão temerária de aceitar combater contra um adversário muito superior em número⁽¹⁵⁾.

LEGNANO (norte de Itália, 30 Km a SE de Milão, 29/Maio/1176):

Guerras do Sacro-Império Romano-Germânico em Itália. Vitória decisiva da Liga Lombarda sobre o imperador Frederico I *Barba Roxa*. Os aliados movimentaram-se dissimuladamente, em região florestal, de forma a impedir a junção das tropas imperiais reunidas em Como às que actuavam em Pavia. A Liga dispunha de uma força de 2.000 a 3.000 cavaleiros e umas cinco centenas de peões (efectivos oriundos sobretudo de Milão, mas também de Verona, Bréscia, Vercellio, Novara, Piacenza e Lodi), enquanto Frederico podia contar com 500 a 1.000 cavaleiros da sua guarda pessoal (os "Comans") e uns 2.000 cavaleiros que tinham atravessado os Alpes, vindos da Suábia e da Renânia.

O imperador não tinha infantaria consigo e foi de facto interceptado pelos adversários antes de juntar a este exército as forças que estavam em Pavia. Apanhando de surpresa o inimigo, a vanguarda montada milanesa (c. 700 homens) carregou sobre a vanguarda montada germânica (c. 300 homens) e desbaratou-a. Mas esta escaramuça preliminar deu tempo

⁽¹⁵⁾J. F. Verbruggen, *The Art of War...*, p. 97; Jim Bradbury, *Medieval Warfare...*, pp. 152-153; Jim Bradbury, *Battles in England and Normandy...*, pp. 190-191; John France, *Western Warfare...*, p. 159; John France, *A Changing Balance...*, p. 156; John France, *Crusading Warfare...*, p. 457; Michael Prestwich, *Armies and Warfare...*, pp. 316-317.

a Frederico para dispor o seu exército em vários (talvez três) corpos de cavalaria pesada, tudo gente bem equipada e montada. Em face, os aliados italianos organizaram quatro unidades de cavalaria, protegidas na retaguarda por três corpos sólidos de infantaria agrupada em torno da "carroccio" milanesa (um carro cerimonial que simbolizava a riqueza e a independência da cidade). Apesar de aconselhado a evitar o combate, Frederico optou por lutar, já que voltar as costas ao adversário seria indigno da sua condição imperial.

Receoso da chegada de reforços aliados, Frederico assumiu a ofensiva: a cavalaria germânica carregou em força depressa rompendo as linhas da cavalaria milanesa, que na sua maior parte fugiu (salvo alguns que se foram juntar à infantaria agrupada em torno da *carroccio*). Os Alemães chegaram então ao contacto com a infantaria aliada, mas aí depararam-se com uma resistência determinada e corajosa: com os escudos encostados e segurando firmemente os piques, a peonagem e os homens de armas desmontados ao serviço da Liga Lombarda travaram a carga germânica, forçando os cavalos a parar. Ao verem isto, os cavaleiros italianos que haviam debandado voltaram para trás e executaram ataques de flanco sobre a cavalaria germânica. A bandeira da águia imperial foi tomada e o próprio cavalo de Frederico foi abatido, lançando a dúvida sobre se o imperador sobrevivera. Os cavaleiros alemães tentaram retirar mas, na ausência de infantaria para cobrir esta manobra, desorganizaram-se e foi o "sauve qui peut"⁽¹⁶⁾.

AL ARCOS (R Ibérica, região de Calatrava-Córdova, 19 /Julho/1195):

Reconquista ibérica. Vitória do califa almóada Abu Yusuf sobre Afonso VIII de Castela. Afonso VIII tinha iniciado uma fortaleza em Alarcos, na fronteira sul de Castela, que o califa veio destruir. Sem esperar pelos reforços leoneses que solicitara, e contra o conselho dos seus comandantes, o monarca cristão ordenou batalha. Neste dia,

⁽¹⁶⁾ Kelly DeVries, "Legnano 1176", in Michael Spilling (proj. ed.), *Battles of the Medieval World...*, pp. 30-39; J. F. Verbruggen, *The Art of War...*, p. 95; fim Bradbury, *Medieval Warfare...*, p. 163; Matthew Bennett, *The Myth...*, p. 179; Iohn France, *Western Warfare...*, pp. 163-164; Iohn France, *Crusading Warfare ...*, pp. 457-458; Iohn France, *A Changing Balance...*, p. 168; Claude Gaier, *Témérité et bravade...*, p. 126.

as duas hostes eram compostas por cavaleiros e peões, mas as crónicas só referem a movimentação da cavalaria.

De acordo com a única fonte cristã que alude ao combate (a *Crónica Latina de los Reyes de Castilla*), o início da batalha terá sido precipitado pelo aparecimento imprevisto do exército muçulmano no campo de batalha, o que terá feito com que os efectivos de Afonso VIII, por bravata, tenham abandonado a sua posição favorável (situada num ponto elevado) e saído ao seu encontro "rapidamente e sem ordem", com isso comprometendo a eficácia de uma manobra (a carga a cavalo) que requeria controlo, coesão e disciplina.

Em Alarcos, houve como que uma fusão dos dispositivos utilizados pelos Almorávidas em Sagradas-1086 e em Uclés-1108 (cf. supra). O exército almóada foi subdividido em dois corpos: um mais avançado (sob o comando de um xeque almóada e reunindo os efectivos andaluzes, diversas tribos do Magrebe e tropas voluntárias); o outro na retaguarda (sob comando directo do califa e reunindo a maior parte das tropas almóadas e a guarda pessoal do califa). Assim, se o corpo da vanguarda fosse repellido, poderiam encontrar refúgio no corpo mais recuado, que estaria intacto para prosseguir o combate. Entretanto, o corpo da vanguarda foi, por sua vez, subdividido em linha da frente, centro e duas alas. Ao que se sabe, cada um destes corpos era formado por contingentes coerentes do ponto de vista tribal. Como habitualmente, a carga da cavalaria pesada castelhana ("coberta de ferro, de elmos e de malhas brilhantes sobrepostas", segundo Ibn Abi Zar), protagonizada por um grupo selecto de cavaleiros que se adiantou relativamente ao resto do seu exército, visou a linha avançada muçulmana, composta por cavalaria ligeira e por arqueiros turcos ou curdos (a pé e a cavalo). Diz uma fonte muçulmana que os Castelhanos "lançaram-se desde a sua posição como a noite obscura ou o mar encrespado, em grupos aos quais se sucediam outros grupos e em ondas seguidas de outras ondas"! A linha da frente muçulmana, todavia, recorrendo às técnicas do "tornafuye" ('bate e foge') e da fuga simulada, furtou o alvo (dispersando momentaneamente) e lançou um chuva de flechas que desbaratou grande parte das forças de Afonso VIII.

Ainda assim, a carga cristã penetrou até ao centro da formação avançada adversária, provocando o corpo-a-corpo. Foi nesse momento que uma fracção da vanguarda muçulmana, entretanto reagrupada com muita ligeireza, cercou os cristãos pelas suas costas, inviabilizando-lhes

a retirada, ao mesmo tempo que as alas (com os andaluzes à direita e os berberes à esquerda) atacaram o acampamento inimigo. O *coup de grâce* deu-se quando o corpo da retaguarda, sob o comando directo do califa e até então inactivo, se associou a este ataque ao acampamento cristão. Segundo alguns relatos, na fase final da batalha Afonso VIII pretendeu morrer de armas na mão, mas foi retirado do campo pelos seus próximos e levado para Toledo. As fontes não permitem conclusões quanto aos efectivos envolvidos: as muçulmanas falam, com evidente exagero, em 310.000 combatentes do lado cristão, dos quais 30 a 140 mil teriam sido mortos e 13.000 aprisionados⁽¹⁷⁾...

LAS NAVAS DE TOLOSA (P. Ibérica, região de Calatrava-Úbeda, 16/Julho/1212):

Reconquista ibérica. Vitória de uma coligação cristã liderada por Afonso VIII de Castela e integrando os reis Sancho VII de Navarra e Pedro II de Aragão sobre o exército do califa almóada Al-Nasir. Depois da derrota de Alarcos-1195 (cf. supra), os cristãos formaram uma nova aliança, a que se associaram até final alguns Cruzados franceses (uns 130 a 150 cavaleiros, sob o Arcebispo de Narbonne).

Al-Nasir pensava estar a salvo atrás das montanhas da Sierra Morena, mas os cristãos, bloqueados no desfiladeiro de Losa, descobriram *in extremis* uma passagem e conseguiram aproximar-se sem perigo e instalar o seu acampamento no sopé da Mesa del Rey. Desta feita foram os muçulmanos a ser surpreendidos com a chegada dos inimigos. Afonso VIII tratou de observar o adversário durante um dia e meio. A vanguarda muçulmana (tropas árabes muito móveis e ágeis) bem tentou provocar uma carga cristã antes do tempo, mas em vão: os arqueiros e besteiros de Afonso VIII repeliam com firmeza os lanceiros muçulmanos que rodopiavam em sua volta.

Quando se certificou de que o exército almóada ofereceria um alvo fixo, o rei castelhano decidiu atacar. A sua hoste comportava três grandes unidades: um corpo central (com o rei de Castela e as Ordens Militares); uma ala direita (com Sancho VII de Navarra); e uma ala esquerda (com Pedro II de Aragão). Estas três azes deviam estar alinhadas entre si

⁽¹⁷⁾F. García Fitz, *Castilla y León...*, pp. 360, 377, 387 e 397-398; F. García Fitz, *Las Navas de Tolosa...*, pp. 523-524 e 533-534; Claude Gaier, *Témérité et bravade ...*, p. 127.

e cada uma delas apresentaria uma subdivisão em três linhas escalonadas em profundidade: dianteira, intermediária e retaguarda (onde estavam os monarcas). É possível que, nos três corpos, as linhas intermediárias estivessem subdivididas em dois blocos (um mais à direita e outro mais à esquerda). Uma carta da rainha Berenguela à sua irmã Branca refere a organização de "conrois" com os reis Pedro e Sancho, decerto com o objectivo de reforçar as laterais com corpos pequenos mas solidários; deste modo, nos flancos, deve ter havido mistura entre tropas de pé e cavaleiros.

Do lado muçulmano haveria, na retaguarda, um dispositivo cerrado de infantaria, e à frente deste um corpo central com o grosso do contingente, completado por uma vanguarda e uma retaguarda; dos lados, estariam duas alas móveis, à base de cavalaria ligeira árabe. O palanque califal devia estar instalado no cimo do outeiro de Los Olivares, pelo que tanto o corpo central como a retaguarda e a vanguarda almóadas estariam espalhadas pelo declive.

Ao raiar da aurora, Afonso deu sinal para as linhas avançadas carregarem a cavalo, bem unidas. Ibn Abi Zar dá conta do poderio desta investida, ao transmitir "a imagem da vanguarda muçulmana completamente desbaratada, desaparecendo debaixo dos pés dos cristãos e alcançando o martírio em massa como consequência da primeira arremetida destes". Os primeiros destacamentos muçulmanos (ginetes árabes desenquadrados do resto da hoste) foram varridos pela carga das primeiras linhas de cada um dos três corpos cristãos, batendo em retirada sem sequer tentar enfrentá-los seriamente. Assim, o exército cristão alcança o vale onde estão as fileiras mais adiantadas do exército do califa (talvez uma vanguarda de voluntários) e desbaratam-nas sem dificuldade. Depois, era começar a subir a colina para chegar ao contacto com o corpo central do exército almóada.

É então no cimo do monte dos Olivares que as primeiras linhas cristãs chocam com a cavalaria norte-africana e andaluz (i.é, com o núcleo duro adversário, entretanto reforçado pelos ginetes árabes em fuga). O combate torna-se muito áspero devido à inclinação do terreno, à força do adversário e ao cansaço acumulado pelos cristãos. Os muçulmanos conseguem absorver a carga e começam a repelir os inimigos. Dá-se então o ataque das segundas linhas (as intermediárias) dos três corpos cristãos, mas o panorama não se altera. A situação torna-se crítica e Afonso VIII é obrigado a jogar o seu último trunfo: a arremetida das

linhas da retaguarda, lideradas pelos três reis! Aconselhado por um cavaleiro da sua mesnada a não o fazer de uma só vez, o rei temporiza sabiamente o movimento: numa 1.^a fase, entra apenas em acção uma parte das retaguardas, para reavivar o combate e contrariar as deserções cristãs; pouco depois, arranca o resto das forças. O sucesso da manobra anima os cristãos e possibilita-lhes chegar até ao palanque do califa, que acaba por se pôr em fuga.

Desta feita, os cristãos tinham apresentado um exército suficientemente numeroso (c. 4.000 cavaleiros e 8.000 peões) para tirar partido da carga (só o corpo central castelhano teria uns 300 cavaleiros) e neutralizar as táticas muçulmanas. O exército almóada mal parece ter esboçado a tradicional manobra de envolvimento, talvez porque não teve coordenação para tanto, ou porque Afonso VIII acautelou bem a protecção das laterais (numa carta ao Papa Inocencio III, o monarca refere que misturou ali peões com cavaleiros para os inimigos não poderem "molestar de modo algum os extremos das nossas fileiras"). O rei castelhano aprendera a lição de Alarcos e a *Reconquista* entraria uma fase imparável⁽¹⁸⁾.

MURET (sul de França, muito perto de Toulouse, 12/Set./1213):

Cruzada Albigense - guerra contra os hereges e os senhores occitanos acusados pela Igreja de serem seus cúmplices. Vitória de Simão de Montfort (O *Velho*) sobre o exército do rei Pedro II de Aragão, composto pelos seus vassallos catalães, aragoneses e occitanos (incluindo o conde Raimundo VI de Toulouse). Em inícios do séc. XIII, a situação política occitana evoluíra num duplo sentido: por um lado, em consequência do fim da "Grande Guerra Meridional", que terminara com a vitória dos condes de Barcelona (reis de Aragão), aliados dos Plantagenetas, sobre os condes de Toulouse (apoiados pelos Capetíngios); por outro lado, com a hegemonia crescente da Coroa de Aragão sobre o espaço político occitano (circunstância que explica a intervenção do rei Pedro II em auxílio dos senhores occitanos). Em Muret, estava uma guarnição favorável a Simão de Montfort. Nos dias 8 e 9 de Setembro, o rei de Aragão (que tinha

⁽¹⁸⁾F. García Fitz, *Castilla y León...*, pp. 379-380, 387, 393-394; F. García Fitz, *Las Navas de Tolosa...*, pp. 504-534; Martín Alvira Cabrer, "La imagen del *Miramamolín* al-Násir (1119-1223) en las fuentes cristianas del siglo XIII", *Anuario de Estudios Medievales*, vol. 26-2, 1996, pp. 1003-1028; Claude Gaier, *Témérité et bravade ...*, p. 127; Jim Bradbury, *Medieval Warfare...*, p. 224.

evidentes ambições territoriais no sul de França) e o seu exército chegam provenientes do condado de Comminges e, eventualmente depois de terem passado por Toulouse, acampam diante de Muret. No dia 10, chegam as milícias de Toulouse, por via terrestre e fluvial (através do rio Garona), e juntam-se à hoste de Pedro II. Com elas, vêm também as tropas occitanas e catalãs-aragonesas que tinham estado acantonadas em Toulouse desde Janeiro de 1213. Os Toulousanos atacam de imediato Muret e conseguem tomar a cidade amuralhada, obrigando a guarnição cruzada a refugiar-se dentro do castelo. O rei de Aragão, porém, manda parar o assalto e ordena a retirada das tropas toulousanas.

No dia 11, os Cruzados comandados por Simão, provenientes de Fanjeaux e após passarem por Saverdun e Lagardelle, onde se dispõem em ordem de combate, entram em Muret sem qualquer impedimento. A sua hoste teria uns 220 a 500 cavaleiros e cerca de 500 *sergeants* (cavalaria ligeira), ou seja, um total de 700 a 1.000 homens montados. A cavalaria do rei de Aragão, pelo seu lado, seria de uns 2 a 3 (ou 4) mil homens-de-armas, estimando-se em 4 a 12 mil homens (no máximo) a infantaria aliada.

Com a chegada de Simão de Montfort a Muret, o exército de Pedro II de Aragão discute a melhor estratégia a seguir. Pedro II discorda do seu aliado, o conde Raimundo VI de Toulouse, o qual propõe uma tática defensiva baseada na fortificação do acampamento com barricadas e besteiros e na espera pela carga da cavalaria cruzada (no pressuposto de que esta fracassaria e de que os Cruzados se retirariam para Muret, podendo então a cavalaria real persegui-los e consumir a vitória). O rei aragonês - que sabia que os Cruzados não poderiam resistir ao assédio e teriam de travar combate - insiste e começa a formar em ordem de batalha. Um contingente ataca a Porta de Toulouse, para forçar a saída dos Cruzados, e as milícias toulousanas atacam de novo Muret.

O exército cruzado opta então por uma surtida ao amanhecer, abandonando a cidade pela Porta de Salas, bordejando o Garona e cruzando o rio Louge na Ponte de Saint Cerni. Dispostos em ordem de combate, com três corpos escalonados em linha, os Cruzados avançam depois sobre o acampamento do rei de Aragão. Este, apesar de já ter formado o seu exército, é apanhado de surpresa pelo ataque madrugador. Os Cruzados carregam sobre a vanguarda adversária (formada pelo conde de Foix, Raimundo Roger, e seus homens, para além dos Catalães que vinham com Pedro II), a qual não resiste e se põe em debandada.

Os dois primeiros corpos da hoste de Simão carregam depois sobre o centro do exército catalão-aragonês-occitano (comandado pelo próprio Pedro II e formado quase exclusivamente por tropas aragonesas), provocando a morte do rei Pedro II. Jaime I (filho e sucessor de Pedro II) recorda na sua *Crónica* este momento decisivo: "E então [os Cruzados] saíram para lutar num só corpo. Do lado do meu pai, os homens não sabiam como se dispor para a batalha nem como se movimentar em conjunto; cada um dos barões lutou por si próprio e contrariamente à ordem da guerra. Assim, devido à falta de ordem, aos nossos pecados e ao combate desesperado dos habitantes de Muret (pois não achavam misericórdia nas mãos do meu pai), a batalha foi perdida"⁽¹⁹⁾.

A seguir, Simão executa um movimento lateral com o terceiro corpo cruzado, conduzindo-o contra a retaguarda inimiga, situada por detrás do leito do ribeiro de Saudrune. Perante a debandada geral, os condes de Toulouse e de Comminges batem também em retirada. Entretanto, ao mesmo tempo que a cavalaria lutava, as milícias toulousanas atacavam as muralhas de Muret, pensando que a batalha estava ganha! Passa-se então à última fase do combate. Os Cruzados perseguem o resto do exército de Pedro II, mas depressa dão meia-volta, reagrupam e carregam contra os peões que estão a atacar Muret. Estes desatam a fugir em direcção a Toulouse ou ao rio Garona. Muitos caem ao tentar fugir nas barcaças amarradas nas margens do rio; outros morrem afogados. Obtida a vitória, a infantaria cruzada abandona Muret e passa ao saque dos despojos deixados no campo de batalha e no acampamento dos aliados.

Simão de Montfort e os seus cavaleiros cruzados tinham vencido em toda a linha uma batalha importante e que teve importantes consequências: provocou a derrota da Coroa de Aragão (1213-1215); preparou a extensão do domínio dos Capetíngios sobre o Sul de França

⁽¹⁹⁾A versão original catalã reza assim: "[...] E aquels de la part del rey no saberen rengar la batayla ni anar justats, e ferien cada un rich hom per si e ferien contra natura d'armes. E per lo mal ordonament e per lo peccat que era en élis, hac-se a vençre la batayla, e per la merçè que no y trobaren aquels qui eren dedins. E aquí morí nostre pare. Car així no ha usât nostre lynatge totz temps, que en las batayles qu'els an feytes ne nós farem, de vençre o morir".

(1215-1223); e, por fim, facilitou a chegada da monarquia da flor-de-lis até ao Mediterrâneo (1226-1229)⁽²⁰⁾.

BOUVINES (Flandres, região de Tournai, 27/Julho/1214):

Guerras capetíngias. Vitória de Filipe II *Augusto*, rei de França, sobre uma coligação liderada pelo imperador Otão IV que incluía Flamengos (como o conde de Flandres: o português Fernando), Ingleses (partidários do rei João *Sem Terra*) e barões franceses dissidentes.

O exército de Filipe Augusto (c. 1.350 cavaleiros e 5 a 6 mil peões) reúne conselho de guerra em Tournai. Informados da presença do exército aliado (c. 1.450 cavaleiros e 6.000 a 7.500 peões) nas proximidades, decidem procurar batalha em terreno favorável. Avançam na direção de Lille (W) e atravessam o rio Marcq em Bouvines. Junto à ponte, encontram um terreno amplo e plano, rodeado pelo rio e por uma zona pantanosa. Filipe dispõe o seu exército em três unidades: nas alas, com cavalaria à frente e infantaria atrás; no centro (reforçado e comandado por ele próprio) com a infantaria à frente e a cavalaria mais recuada.

O exército aliado lança-se numa perseguição em marcha florestal acelerada, que alonga imenso a sua coluna. Sem preocupação de esperar para reagrupar, a ala esquerda aliada (conde de Flandres) enfrenta a ala direita francesa (duque da Borgonha e conde de Champagne) pouco depois de alcançar o campo de batalha: combate de cavalaria, com os opositores a carregarem em simultâneo, munidos de lança deitada. A melhor organização francesa (devida talvez à sabedoria do bispo de Senlis, Guérin, um ex-Hospitalário que optou por pequenas cargas sucessivas interpretadas por mesnadas senhoriais de c. 200 homens) permite-lhe romper e penetrar as linhas adversárias (eventualmente reagrupando depois e carregando em sentido inverso). Os Flamengos viram costas e fogem.

Entretanto, no centro, Filipe retém o seu ataque. Mas Otão, impaciente, investe temerariamente e equilibra a batalha. Com o choque, as linhas francesas recuam e um grupo de peões germânicos consegue mesmo alcançar o rei de França e desarçona-lo com lanças e ganchos de ferro. Filipe é salvo *in extremis* e consegue remontar. Os peões germânicos

⁽²⁰⁾ Martin Al vira Cabrer, *12 de Septiembre de 1213. El Jueves de Muret*, Barcelona, Universidad de Barcelona, 2002; Jim Bradbury, *Medieval Warfare...*, p. 204; John France, *Western Warfare...*, p. 161; John France, *A Changing balance...*, p. 160.

são liquidados e o batalhão do rei de França enfrenta o esquadrão imperial com o apoio da sua cavalaria, alinhada atrás como urna reserva. Nesta zona central, o combate desenvolve-se pois com participação de infantaria e cavalaria. Os Franceses reconquistam o terreno perdido e empurram os adversários; o cavalo de Otão é ferido e o imperador bate em retirada.

Finalmente, e com algum desfasamento temporal, iniciara-se também o combate no outro flanco: os aliados (com tropas inglesas sob o conde Guilherme de Salisbúria, e bolonhesas sob Reinaldo de Dammartin e o duque de Brabante) tomam a iniciativa e carregam sobre a ala esquerda francesa (condes de Ponthieu e de Dreux e bispo de Beauvais). Graças à chegada a conta-gotas de mais peonagem aliada ao campo de batalha, o combate é aqui sobretudo de infantaria. O equilíbrio é grande, mas a decisão favorável aos Franceses nas outras zonas do terreno acaba por resolver tudo: tropas de Filipe acorrem a reforçar a sua ala esquerda. Aos poucos, a situação dos aliados torna-se desesperada. Reinaldo de Boulogne interpreta ainda uma resistência que se tornou lendária: forma uma dupla fileira circular de mercenários a pé bem armados e bem encostados uns aos outros, com os longos piques apontados para fora. Mas ao fim de algum tempo, exaustos e em número cada vez menor, os piqueiros brabanções acabam por soçobrar.

Estava terminada uma batalha de c. 3 horas que teve consequências internacionais relevantes. As fontes noticiam a morte de 169 cavaleiros aliados e de apenas 2 Franceses, e o aprisionamento de 5 barões aliados (incluindo Fernando, Guilherme e Reinaldo), de 25 outros nobres e de 139 cavaleiros. Números baixos, embora a qualidade das defesas de corpo e a expectativa da cobrança de bons resgates possam ter ajudado a isso⁽²¹⁾.

JEREZ DE LA FRONTERA (E Ibérica, Andaluzia, Abril/1231):

Reconquista ibérica. Vitória dos Castelhanos comandados por Alvar Pérez de Castro e pelo infante D. Afonso sobre a tropa do caudilho

⁽²¹⁾Georges Duby, *Le dimanche de Bouvines. 27 juillet 1214*, Paris, Gallimard, 1988 (ed. orig.: 1973); Kelly DeVries, "Bouvines 1214", in Michael Spilling (proj. ed.), *Battles of the Medieval World...*, pp. 80-89; J. F. Verbruggen, *The Art of War...*, pp. 74 e 94-95; Jim Bradbury, *Medieval Warfare...*, pp. 197-198; Matthew Bennett, *The Myth...*, p. 179; John France, *Western Warfare...*, p. 161; John France, *A Changing Balance...*, pp. 160-162 e 170; John France, *Crusading Warfare...*, pp. 455-458.

muçulmano andaluz Ibn Hud. Na sequência da desagregação do poder almóada, os muçulmanos hispânicos ficaram sozinhos na luta contra os cristãos e trataram de nomear um soberano indígena: Ibn Hud, o rei de Múrcia.

A *Primera Crónica General* refere a batalha campal que teve lugar em 1231, nas redondezas de Jerez de la Frontera, entre tropas cristãs e muçulmanas. O confronto deu-se quando uma cavalgada cristã que tinha assolado o vale do rio Guadalquivir sob o comando conjunto de Alvar Pérez de Castro e do infante D. Afonso de Molina (irmão do rei de Castela e Leão: Fernando III) chegou às proximidades daquela cidade andaluza. Os habitantes, com Ibn Hud à cabeça, saíram para lhes fazer frente. A *Crónica* trata em detalhe este combate, embora se deva ter em conta que o trecho foi escrito quase um século depois do evento, o que lança dúvidas sobre a narrativa, tanto mais que não dispomos de testemunhos presenciais (ou baseados em depoimentos de participantes), tal como sucede nos casos das batalhas de Sagrajas, Alarcos, Uclés ou Las Navas.

Segundo a *Crónica*, as tropas castelhanas não contariam com mais de 1.000 cavaleiros e 2.500 peões (números normais na época). Alvar Pérez ordenou que se separassem os peões dos cavaleiros e que os primeiros ficassem na retaguarda cuidando da "presa" que os cristãos tinham acumulado durante o *raid* feito pela região de Córdova-Sevilha-Jerez. Assim, embora o cronista refira a presença de peões de ambos os lados, relega-os para uma missão acessória e descreve o combate como um recontro entre forças de cavalaria. Um dos bandos (o cristão) terá formado "em azes", que na linguagem da época (p. ex., na *Siete Partidas* do rei Afonso X) significa uma frente ampla, com forças de cavalaria dispostas lado a lado e com diversas linhas de profundidade, de modo a lançar a carga com um grau de coordenação elevado e em vagas sucessivas. O outro lado (o muçulmano) terá formado "em tropel", quer dizer, num sistema de frente estreita mas compacto e com grande profundidade, bom para romper e desorganizar as linhas adversárias (sistema utilizado sobretudo para ataques dirigidos ao flanco do adversário, como querem as *Siete Partidas*, ou contra inimigos numericamente superiores, como defende o infante Don Juan Manuel).

A batalha de Jerez ficou sobretudo marcada pela notável carga da cavalaria cristã, que a *Primera Crónica General* descreve da seguinte forma: "E começaram a entrar pelo meio das azes dos mouros, quebrando logo a primeira, depois a segunda e a terceira, depois todas, assim umas

atrás das outras, até que passaram as sete azes, matando e derrubando e fazendo grande destruição neles. E assim se começaram a misturar e a revolver de uma parte e de outra, de maneira que não pôde haver acordo entre os mouros de se ajudarem uns aos outros [...]. Os mouros começaram logo a dispersar e a fugir, e deixaram-se vencer, virando as costas todo aquele que podia"⁽²²⁾.

LEWES (extremo sul de Inglaterra, Sussex, 14/Maio/1264):

Guerra dos barões em Inglaterra. Vitória dos barões rebeldes comandados por Simão de Montfort (O *Jovem*) sobre o rei Henrique III (1216-1272) e o príncipe Eduardo (futuro Eduardo I de Inglaterra). Décadas antes, o reinado de João *Sem Terra* (1199-1216) ficara marcado pela oposição dos barões ingleses à sua governação, expressa na "Magna Carta" (1215) e no patrocínio da invasão francesa de 1215 (príncipe Luís, futuro Luís IX ou S. Luís). Após a morte do rei João, os barões leais ao rei tinham neutralizado a oposição, com vitórias militares em Sandwich e em Lincoln (1217). A guerra interna recomeçaria, porém, mais tarde, com os barões ingleses aglutinados em torno de Simão de Montfort, conde de Leicester e de Chester (1208-1265). O filho de Simão de Montfort O *Velho* (o herói de Muret) viera para Inglaterra em 1230, tendo casado com uma irmã do rei Henrique III.

Os realistas estavam acampados em Lewes quando Simão surgiu, de manhã cedo, disposto a travar batalha. Ambos os exércitos se organizaram em três divisões, face a face, tendo os Montfortianos a vantagem de poderem contar com uma quarta unidade, retida na retaguarda. Neste caso, não parece ter havido a preocupação de preparar sucessivas linhas defensivas (à maneira, p. ex., do que sucedera em Brémule, em 1119: cf. supra), embora pareça provável que a cavalaria tenha sido colocada à frente das forças de infantaria. A ala direita dos realistas, comandada pelo príncipe Eduardo, executou uma carga a cavalo que arrombou autenticamente o flanco esquerdo dos barões rebeldes.

⁽²²⁾F. García Fitz, *Castilla y León...*, pp. 351-352, 366, 377-379, 385-386, 390; F. García Fitz, *Las Navas de Tolosa...*, p. 520; Miguel Gomes Martins, *Para Bellum. Organização e prática da guerra em Portugal durante a Idade Média (1245-1367)*, Coimbra, Faculdade de Letras, 2007 (diss. de doutoramento, polie.), pp. 722-724.

Inebriado, o jovem príncipe deixou-se arrastar na perseguição aos adversários, apenas regressando ao campo de batalha cerca de quatro horas mais tarde!

Enquanto isso, noutra zona do campo de batalha, o grosso das tropas reais era derrotado em toda a linha, com Henrique III e o seu irmão Richard of Cornwall (que se refugiara num moinho de vento) a serem capturados. Ao aperceber-se do desastre, Eduardo ainda tentou restabelecer a situação, mas não conseguiu e foi, também ele, capturado. Durante um ano, a Inglaterra seria governada pelo regime dos barões, que implementariam as famosas "Prescrições de Oxford"⁽²³⁾.

EVESHAM (centro-sul de Inglaterra, a nordeste de Gloucester, 4/ Ag./1265):

Guerra dos barões em Inglaterra. Vitória do príncipe Eduardo (herdeiro de Henrique III e futuro Eduardo I de Inglaterra) sobre Simão de Montfort (O *Jovem*) e os barões rebeldes. Capturado na batalha de Lewes-1264 (cf. supra), Eduardo conseguiu escapar e reunir um exército fiel ao pai. Entretanto, Simão de Montfort planeou reunir as suas forças com as do seu próprio filho, transportando o prisioneiro Henrique III consigo. Porém, Eduardo armou-lhe uma cilada num cotovelo do rio Avon, no Worcestershire.

Assim, Simão acabou por esbarrar no exército real, que controlava a ponte para prevenir qualquer fuga. Uma trovoadas precedeu o combate entre as duas hostes, cujas forças de elite estavam a cavalo. O exército de Eduardo, mais numeroso, flanqueou e cercou o adversário. Um filho secundogénito de Simão de Montfort (também chamado Simão) terá sido o primeiro a ser derrotado. Perante isto, e contra o conselho do seu primogénito (Henrique), Simão de Montfort recusou bater em retirada e avançou para o combate. A sua montada foi abatida e ele viu-se obrigado a lutar a pé (o que terá levado os seus adversários a adoptar a mesma postura). Simão e Henrique foram vencidos e mortos. A cabeça e os membros de Simão de Montfort O *Jovem* foram cortados e o resto

⁽²³⁾ Jim Bradbury, *Medieval Warfare...*, pp. 210 e 215; Claude Gaier, *Témérité et bravade...*, p. 129; Michael Prestwich, *Armies and Warfare...*, p. 317.

foi sepultado na abadia de Evesham. O rei Henrique III foi libertado e reassumiu o poder⁽²⁴⁾.

TAGLIACOZZO (Itália, região leste de Roma, 23/Ag./1268):

Guerras de Carlos de Anjou em Itália. Vitória de Carlos de Anjou (rei da Sicília e irmão do rei Luís IX de França) sobre Corradino (o último Hohenstaufen da Sicília, filho do imperador Conrado IV e neto de Frederico II), que reclamava o trono siciliano com o apoio de Alemães e de aliados Aragoneses.

Dois anos antes (em 26/Fev./1266), Carlos de Anjou vencera já a oposição de Manfredo (filho ilegítimo de Frederico II) na batalha de Benevento, disputada a NE de Nápoles. Nesse combate, Carlos escolhera uma posição defensiva na margem do rio Calor. Manfredo atacou e a cavalaria angevina respondeu desbaratando os arqueiros e envolvendo a cavalaria alemã. Manfredo renovou o ataque abrindo caminho de forma quase imparável com os seus 800 cavaleiros, mas acabou por ser vencido quando os Franceses acometeram de perto, seguindo o grito célebre de Carlos de Anjou: "Golpeiem com a ponta! Espetem-nos com ela!".

Em 1268, Carlos voltou a provar a sua qualidade de bom general. O jovem Corradino invadira a Sicília em 1267 e apoiantes seus na ilha haviam-se revoltado contra Carlos. A batalha de Tagliacozzo, porém, seria travada no centro de Itália, em resultado da marcha de Corradino para sul. Carlos tomou posição atrás do rio Salto. Os homens de Corradino não conseguiram tomar a ponte, mas alguns atravessaram e atacaram os Angevinos pelo flanco. Então, a ponte pôde ser cruzada. Carlos, porém, conseguiu recuperar a iniciativa conduzindo uma carga com uma reserva que permanecera escondida, numa altura em que muitos dos adversários, pensando que a vitória já não lhes fugiria, perseguiram os Angevinos fora do campo de batalha, ou tinham dispersado para saquear os mortos. Neste cenário, Carlos teve talento suficiente para reagrupar os seus efectivos e acabou por esmagar o inimigo quando este regressava da perseguição...

⁽²⁴⁾ Jim Bradbury, *Medieval Warfare...*, p. 213; Claude Gaier, *Témérité et bravade...*, p. 129; Michael Prestwich, *Armies and Warfare...*, p. 317.

Tratou-se, em grande medida, de uma batalha de cavalaria, com efectivos relativamente volumosos (cerca de 5.000 cavaleiros de cada lado) e o sucesso de Carlos de Anjou foi tudo menos fácil. Segundo uma fonte, "nunca a vitória foi tão sangrenta, pois quase todo o seu exército tinha soçobrado"! Corradino conseguiu fugir, mas foi apanhado e executado cruelmente em Nápoles, em Outubro. A batalha pôs fim ao domínio dos Hohenstaufen na Sicília, deixando a Casa de Anjou no poder⁽²⁵⁾.

WORRINGEN (Alemanha, região de Colónia, 1288):

Conflito entre o duque de Brabante e o Arcebispo de Colónia. Vitória dos Brabanções, que dispunham de uma força estimável em 2.000 cavaleiros e 3.000 peões, sobre a força aliada, ligeiramente mais numerosa em ambas as armas.

A batalha foi extremamente prolongada (há fontes que referem que ela se arrastou durante uma grande parte do dia) e a vitória dos Brabanções ficou a dever-se à sua melhor formação. Uma fonte preciosa, a *Rijmchronik* de Jan van Heelu, resume deste modo a tática recomendada aos seus homens-de-armas pelo duque de Brabante (de modo a optimizarem o princípio da 'massa', tanto no processo de carga como na resistência à cavalaria inimiga): "Denso e cerrado! Denso e cerrado! Que cada homem se encoste resolutamente ao seu vizinho, o mais próximo que puder. Assim, obteremos certamente a glória no dia de hoje". Pelo contrário, entre os de Colónia parece ter grassado a indisciplina, com muitos dos homens a optarem por ir saquear o acampamento dos Brabanções antes do tempo.

Segundo Verbruggen, nesta batalha os Brabanções exploraram habilmente as possibilidades de ataque sobre os flancos e a retaguarda adversários. Deve sublinhar-se também uma observação do cronista Jan van Heelu, segundo a qual um "sargento" do exército do duque de Brabante exortou os seus homens a liquidarem preferencialmente os nobres ao serviço do Arcebispo de Colónia: é que, por muito grande que fosse a hoste adversária, eles perderiam a batalha caso os seus nobres fossem abatidos⁽²⁶⁾...

⁽²⁵⁾Jim Bradbury, *Medieval Warfare...*, p. 236; John France, *A Changing Balance...*, p. 170.

⁽²⁶⁾J. F. Verbruggen, *The Art of War...*, pp. 94-95; John France, *Western Warfare...*, p. 157; John France, *A Changing Balance...*, pp. 170-172.

MAES MADOG / MOYDOG (País de Gales, 5/Março/1295):

Guerras inglesas em Gales (campanha de 1294-95). Vitória de Eduardo I de Inglaterra (1272-1307) sobre o rebelde galês Magog. O monarca inglês avançou temerariamente pelo Norte de Gales e foi apanhado em Conwy por Magog, estando quase sem alimentos. Porém, durante a noite, surgiu em apoio do monarca o conde de Warwick, com uma força de 200 cavaleiros e 2.000 peões.

De acordo com um dos relatos, Warwick combinou atiradores (arqueiros e/ou besteiros) e cavaleiros numa única linha de batalha, mas não temos indicação de que estes últimos tenham desmontado. Os rebeldes galeses, não dispondo de uma cavalaria forte, resistiram formando um círculo com as lanças eriçadas para fora, de modo a travar os cavalos adversários; todavia, Warwick terá chamado os atiradores, que fustigaram os Galeses até estes ficarem tão enfraquecidos que a cavalaria pôde carregar sobre eles com inteiro sucesso.

Sublinhe-se que, como notou Michael Prestwich, o facto de o "pay-roll" (listagem de pagamentos da Coroa) mencionar apenas a presença de 13 arqueiros e besteiros na força inglesa lança algumas dúvidas sobre a versão do cronista. Sendo verídica, trata-se de um excelente exemplo de combinação entre cavalaria e infantaria especializada⁽²⁷⁾.

III. Comentário

Para finalizar, tentaremos agora sistematizar algumas conclusões gerais, de acordo com o inquérito previamente anunciado:

1. há diversos exemplos relativamente seguros de **cargas frontais da cavalaria pesada** contra tropas montadas inimigas. Alguns deles bem sucedidos: Thielt (Thierry, até aparecer a reserva de W. Clito); Legnano (1.^a fase da batalha, em que Frederico I enfrenta a cavalaria milanesa); Alarcos (Afonso VIII, até ao envolvimento pelos muçulmanos); Las Navas (Afonso VIII, talvez o caso mais emblemático); Muret (Simão de Montfort); Bouvines (ala direita francesa e corpo central de Otão); Jerez (Castelhanos, com descrição fabulosa de fonte cristã); Lewes

⁽²⁷⁾John France, *A Changing Balance...*, pp. 173-174; Michael Prestwich, *Armies and Warfare...*, p. 317.

(ala direita do príncipe Eduardo); e Worringen (duque de Brabante). De entre os casos mal sucedidos, temos: Sagrajas (Afonso VI); Tinchebrai (R. Curthose e seus homens, talvez com as lanças deitadas); Uclés (mas aqui os cristãos ficaram muito perto da vitória); Brémule (Luís VI); Bourghéroulde (Waleran de Meulan); e Bouvines (Flamengos da ala esquerda de Otão IV). Em Hastings, a carga da cavalaria normanda de Guilherme sobre a infantaria anglo-saxónica só foi bem sucedida no final da jornada (depois das fugas simuladas), o mesmo tendo sucedido em Maes Madog (onde Warwick precisou primeiro que os atiradores desorganizassem a infantaria galesa).

2. naqueles exemplos, quase sempre foi a cavalaria pesada a tomar a **iniciativa** do ataque, e fê-lo quase sempre **sozinha** (i.é, sem apoio de outras "armas"). Apenas em Hastings se admite que, no final, possa ter havido envolvimento de atiradores, enquanto em Bouvines o corpo central montado de Otão parece ter sido acompanhado por alguma infantaria (que aliás quase liquidou Filipe Augusto).

3. o nível geral do **equipamento** desta cavalaria pesada parece ser bom (em Alarcos, Ibn Abi Zar considera-o mesmo muito bom), facto que o número limitado de baixas em grandes combates (como Las Navas ou Bouvines) parece confirmar.

4. é de admitir também que, pelo menos em alguns casos, as cargas da cavalaria pesada tenham sido organizadas com os efectivos alinhados em "conrois" (esquadrões) do tipo daqueles de que fala Verbruggen. Em Sagrajas, as fontes muçulmanas apontam nesse sentido; em Las Navas isso está documentalmente comprovado pela carta da rainha Berengária; em Bouvines, é muito provável que o bispo Guérin assim tenha procedido; e, em Worringen, a instrução do duque de Brabante para se combater "denso e cerrado" também sugere o mesmo. De igual modo, temos exemplos de agrupamentos de cavaleiros explorando **afinidades** familiares, vassálicas, vicinais ou regionais nas batalhas de Hastings (os "Huscarls"), de Las Navas (os três reis ibéricos, as Ordens Militares, as mesnadas dos grandes senhores, etc.) e de Bouvines (as pequenas mesnadas senhoriais na ala direita francesa), entre outras.

5. em todos os movimentos de carga analisados, parece ter havido realmente **penetração** ("**break-through**") em Thielt (Thierry da Alsácia), Legnano (Frederico I), Las Navas (Afonso VIII), Muret (Simão de Montfort), Bouvines (ala direita francesa e centro germânico), Jerez (Castelhanos) e Lewes (ala direita realista: príncipe Eduardo).

Nestes dois últimos casos, o efeito parece ter sido devastador desde o início. Já no que diz respeito a exemplos de **cargas sucessivas, com adequada temporização**, só há rasto delas em Las Navas (em especial na fase final: o ataque das linhas reais) e em Bouvines (ala direita francesa: bispo Guérin), mas é possível que em Hastings isso tenha sucedido também. Em todo o caso, os exemplos são escassos, o que enfatiza a grande dificuldade técnica da manobra. São mais numerosos os casos em que da carga pesada resultou apenas a tradicional *mêlée*: em Hastings (provavelmente); e decerto em Uclés, em Alarcos, em Las Navas (quase até final) e em Bouvines (na zona central), para citar apenas alguns exemplos. Mais raros ainda são os casos de reagrupamento depois da penetração, seguido de **carga em sentido inverso**: só em Bouvines (ala direita francesa) isso pode, eventualmente, ter sucedido. Não era uma técnica nada fácil, pois pressupunha sucesso na primeira fase do movimento, seguido de capacidade para evitar a dispersão e voltar a formar, e disponibilidade psicológica e física para uma nova carga em força.

6. registámos muito poucos casos em que a cavalaria pesada optou por **uma outra forma de ataque, que não a carga frontal**. Em Worringen, segundo Verbruggen, os Brabanções podem ter atacado pelos flancos e pela retaguarda; e, em Muret, Simão de Montfort, na 2.^a fase da batalha, atacou seguramente pelo flanco, tendo talvez atingido um corpo recuado do exército de Pedro II de Aragão. Quanto ao uso de reservas, temos exemplos claros em Tinchebrai (Hélias de Maine), em Bouvines (corpo central de Filipe) e em Lewes (embora aqui Simão O *Jovem* não pareça ter tirado grande partido da sua quarta az).

7. quanto a recurso a **cavalaria ligeira**, a conclusão impõe-se por si: não esteve presente, salvo do lado dos exércitos muçulmanos (e com bons resultados: Sagrajas, Uclés e Alarcos).

8. existem exemplos diversos e inequívocos de **cavaleiros combatendo a pé**: em Hastings (Harold); em Tinchebrai (Henrique I); em Brémule (Henrique I); em Bourghéroulde (Odo Borleng); em Standard (Ingleses); e em Lincoln (Estêvão). Neste último caso, estavam posicionados no corpo central, e não na linha da frente ou na retaguarda (como parece ter sucedido nos exemplos precedentes). Por vezes, estes cavaleiros apeados estavam misturados com cavaleiros montados (*vide* Brémule, Bourghéroulde ou Lincoln); noutros casos, com peonagem e/ou com atiradores: Hastings, Tinchebrai, Brémule (possivelmente) e Standard

(onde, além da peonagem das levas locais, havia arqueiros "inmixti"). A atitude desta cavalaria apeada foi quase sempre defensiva e, na maior parte dos casos, foi bem sucedida: apenas fracassou em Lincoln e em Hastings (mas aqui só no extremo final do combate).

9. quanto à **utilização da infantaria** (especificamente e para além dos casos de mistura com cavalaria apeada): ela cumpria sobretudo missões defensivas. As grandes exceções são os "Galwegians" escoceses ao serviço de David I (em Standard) e os peões com lanças e ganchos no corpo central de Otão IV (em Bouvines, aparentemente a par da cavalaria montada aliada). Por vezes, a infantaria surge mesmo associada a funções específicas de resistência: em Standard (o cibório de prata de Estêvão); em Legnano (a *carroccio* milanesa); em Bouvines (os piqueiros brabanções de Reinaldo de Boulogne, em resistência desesperada); e em Maes Madog (mesma situação, mas interpretada pelos lanceiros galeses). Raramente se percebe que a missão defensiva da infantaria possa ter sido facilitada pelo apoio conferido por obstáculos naturais ou artificiais (salvo se considerarmos nesta rubrica a *carroccio* milanesa de Legnano ou o palanque califal de Las Navas). Quase sempre, a infantaria adota uma **postura de espera**, raramente tomando a iniciativa; isto só se verifica nos citados casos de Standard ("Galwegians") e de Bouvines (mas aqui em articulação com os cavaleiros do corpo central de Otão). Curiosamente, na maioria dos exemplos que citámos, a infantaria foi mal sucedida (em Standard, em Bouvines ou em Las Navas), constituindo Légano a grande e célebre exceção. De um modo geral, não nos parece que o seu nível de equipamento fosse bom (em Standard parece que era até bastante fraco). Quanto à sua **homogeneidade**, ela parece poder ter existido, pelo menos em parte, nos exemplos de Hastings (milícias do "fyrd"), de Standard (peonagem das levas locais integradas num exército nortista), de Legnano (cidades lombardas) e de Las Navas (milícias concelhias). O que não significa que houvesse propriamente especialização de funções: exceptuando o caso dos atiradores (que não estamos a considerar agora), isso só se nota claramente em Bouvines (com os peões munidos de lanças e de ganchos de ferro a tentar desarçonar, com sucesso, Filipe Augusto). Por fim, em pelo menos dois casos parece ter existido **mistura de infantaria com cavalaria montada**: em Las Navas (para protecção dos flancos, conforme se explica na carta de Afonso VIII ao Papa); e em Bouvines (por ambos os contendores, na zona central do terreno).

10. no que diz respeito aos **atiradores com arco ou com besta**, são vários os casos em que tiveram um papel decisivo: em Hastings (provavelmente, na fase final da batalha); em Bourghéroulde (seguramente, com Odo Borleng a mandar os arqueiros avançar sobre o flanco esquerdo); em Standard (onde Estêvão os misturou habilmente com os cavaleiros apeados e a peonagem); em Maes Madog (foi graças a eles que Warwick conseguiu criar condições para uma carga eficaz de cavalaria); e, claro, nos exércitos muçulmanos que saíram vitoriosos de Sagrajas, de Uclés e de Alarcos. Para além dos exemplos que envolvem os exércitos muçulmanos (onde os arqueiros surgem constantemente articulados com cavalaria ligeira e até mesmo com infantaria), apenas em quatro casos podemos falar do recurso a **atiradores em combinação com outras armas**: em Hastings (com cavalaria montada); em Bourghéroulde (com cavalaria desmontada e infantaria); em Standard (também com cavalaria desmontada e infantaria); e em Maes Madog (com cavalaria montada). O habitual é os atiradores serem utilizados no início dos combates, como em Bourghéroulde (neutralizando a carga de Waleran de Meulan) ou em Standard (crivando de flechas a infantaria escocesa dos "Galwegians"), já para não falar nos exemplos muçulmanos de Sagrajas, Uclés, Alarcos ou Las Navas. Contudo, também há exemplos de recurso (aliás, bem sucedido) a atiradores em fases muito mais adiantadas da batalha (*vide* Hastings ou Maes Madog). Frise-se ainda que os atiradores tanto podiam ser preciosos contra forças de cavalaria (Bourghéroulde) como contra cavalaria apeada e infantaria (Hastings e Standard) ou contra, simplesmente, infantaria (Maes Madog). Obviamente, também eram muito úteis na protecção de pontos específicos (como por exemplo o carro com o cibório de prata inglês, em Standard).

11. uso de **mercenários**: só temos referência explícita à sua utilização em Bouvines (lanceiros brabanções ao serviço de Reinaldo de Boulogne), embora seja muito provável que tenham estado presentes em vários dos outros combates analisados. Decerto a título individual ou em pequenos grupos, e não ainda sob a forma de Companhias, pelo menos nos sécs. XI e XII.

12. como **casos de uma boa combinação de armas**, temos de reconhecer que os mais flagrantes têm uma matriz islâmica: são os exemplos de articulação entre cavalaria ligeira, atiradores com arco e infantaria fornecidos pelos exércitos muçulmanos que actuaram em Sagrajas, Uclés, Alarcos e Las Navas! Do lado cristão, os exemplos mais

expressivos nesta matéria são talvez os de Las Navas (infantaria com cavalaria, para protecção dos flancos), de Bouvines (infantaria com cavalaria no corpo central de Filipe Augusto e de Otão), de Standard (cavalaria desmontada, peonagem e "sagitarii equites imixti", do lado do rei Estêvão) e de Bourghéroulde (ótima combinação, proposta por Odo Borleng, de cavaleiros apeados e cavalaria montada). Mas não podemos também esquecer os casos em que, no final, o recurso a arqueiros para desestruturar sólidas formações de infantaria (com ou sem cavaleiros apeados no meio) se revelou decisivo: é o que parece ter sucedido com os Normandos em Hastings, e foi seguramente o que valeu o dia a Warwick e a Eduardo I em Maes Madog, contra os Galeses.

13. também merecem especial referência os casos de **fuga/retirada simulada**, que, além de serem genial e correntemente praticados pelos exércitos muçulmanos, foram também utilizados (e com sucesso) por cavalaria cristã em Hastings (Normandos de Guilherme, talvez em dose dupla e contra infantaria) e em Thielt (por William Clito, contra os cavaleiros de Thierry da Alsácia). Apesar de tudo, são escassos os exemplos, mostrando que esta técnica se compaginava muito melhor com os exércitos islâmicos, mais levemente equipados e, por isso, muito mais móveis.

14. em matéria de **uso de reservas**, a situação é diferente: o corpo de reserva (escondida) de Hélias de Maine garantiu o triunfo de Henrique I em Tinchebrai; e foi também assim que William Clito derrotou Thierry da Alsácia em Thielt. Estes são os casos mais claros e espectaculares, mas parece ter sido igualmente graças a uma reserva que Carlos de Anjou pôde inverter o curso dos acontecimentos em Tagliacozzo, face a Corradino.

15. quanto a **ataques sobre o flanco e/ou sobre a retaguarda adversárias**, também aqui constatamos tratar-se de uma manobra corrente no seio dos exércitos muçulmanos: reconhecemo-la em Sagrajas (interpretada pelos Almorávidas de Yusuf ibn Tashfin), em Uclés (por Ali ibn Yusuf) e em Alarcos (pela mão dos Almóadas de Abu Yusuf). Do lado cristão, ela está representada em Tinchebrai (ataque da reserva de Hélias de Maine), em Legnano (via cavaleiros italianos que, depois de desbaratados, regressam ao campo de batalha), em Muret (pelo 3.º corpo cruzado de Simão de Montfort contra um corpo estático de cavalaria, talvez a retaguarda dos condes de Toulouse e de Comminges) e em Evesham (príncipe Eduardo *versus* Simão O Jovem). Em todos estes casos estamos

perante exemplos de cavalaria contra cavalaria, mas em Standard observamos uma situação distinta: no final da batalha, deu-se um ataque (mal sucedido) da tropa montada de Henry (filho de David I da Escócia) sobre o exército apeado do rei Estêvão de Inglaterra. Geralmente, estes ataques sobre os flancos ou a retaguarda adversária ocorrem no meio ou até no final das batalhas, como factor desequilibrador, mas em Evesham o príncipe Eduardo usou esta técnica numa fase mais precoce do combate. Significativamente, em todos os casos considerados a manobra foi bem sucedida, salvo no exemplo de Standard (onde Henry da Escócia atacou já em desespero de causa).

16. embora tal deva ter sucedido em mais casos, so conseguimos identificar com segurança três exemplos em que, na mesma batalha, ocorrem **vários combates em simultâneo** sem grande articulação entre si (pelo menos durante um longo período). Foi em Muret, onde os cavaleiros se bateram no terreno plano enquanto as milícias de Toulouse assaltavam a praça defendida pela peonagem cruzada; em Bouvines, onde parece ter havido três batalhas ao mesmo tempo: nas alas e no centro; e em Lewes, onde o príncipe Eduardo perseguiu os seus adversários directos sem sequer se aperceber do resultado da refrega travada pela az paterna (Henrique III).

17. em matéria de **fugas, perseguições ou chacinas**, os exemplos claros também não são abundantes: houve fuga generalizada em Legnano (quando o cavalo de Frederico I foi abatido e correu o rumor da morte do imperador), em Las Navas (quando se iniciou o ataque ao palanque califal) e em Muret (quando a peonagem da milícia de Toulouse que atacava Muret foi "atropelada" pela carga devastadora de Simão de Montfort). Como perseguições mais influentes, registamos sobretudo as de Lewes (onde o príncipe Eduardo levou longe demais o seu entusiasmo: a perseguição durou 4 horas, o que levou à derrota da sua causa) e em Tagliacozzo (com as tropas de Corradino a perseguirem prematuramente os Angevinos de Carlos, o que do mesmo modo lhes valeu a derrota). Como exemplos de chacinas claras temos sobretudo os casos de Thielt, de Muret (com afogamento de fugitivos no rio Garona) e de Taglizacozzo (onde Carlos, inicialmente vencido, dizimou o adversário quando este regressava da sua perseguição).

18. não é fácil estimar o número de **efectivos**, nem o de **baixas** provocadas pelos combates. As fontes contradizem-se muito e algumas avançam com números mirabolantes (*vide* as fontes muçulmanas relativas

a Alarcos). Mas é certo que os efectivos eram geralmente reduzidos, embora variando muito de caso para caso. Em Thielt, William Clito só disporia de uns 450 cavaleiros, e o seu adversário Thierry da Alsácia de 300 (para além de 1.500 peões). Em Jerez, os Castelhanos a cavalo não deviam ser mais de 1.000 (apoiados por uns 2.500 peões). Mas em Las Navas (4.000 cavaleiros e 8.000 peões do lado cristão), em Bouvines (c. 1.350 cavaleiros e 5 a 6 mil peões com Filipe Augusto; c. 1.450 cavaleiros e 6.000 a 7.000 peões com Otão IV) ou em Tagliacozzo (5.000 cavaleiros do lado de Carlos de Anjou e outros tantos com Corradino) os números são muito mais elevados. Em matéria de baixas, vimos como Orderico Vital justifica a sua escassez em Brémule com o argumento de que os cavaleiros se pouparam uns aos outros por amor a Deus e camaradagem de armas. Também em Bouvines parece ter havido poucos mortos e presos entre os cavaleiros: uns 12%, segundo as fontes, que nunca referem a peonagem, decerto muito mais sacrificada.

19. em alguns casos, percebemos que grassou a **indisciplina táctica** e que isso contribuiu decisivamente para a derrota e avolumou o número de vítimas. Foi assim em Tagliacozzo, com os partidários de Corradino a perseguir e a saquear os mortos antes do tempo; e foi também assim em Worringen, com os homens do arcebispo de Colónia a atacarem o acampamento brabanção antes de a vitória estar assegurada, devido à sede de despojos. Em Standard, do lado escocês, a indisciplina revelou-se de uma outra forma, com a infantaria dos "Galwegians" a exigir posicionar-se na linha da frente, apesar de não ser esse o plano do rei David I. Em todos os casos, esta indisciplina táctica teve resultados funestos.

20. também podemos detectar facilmente **exemplos de um demasiado (quase diríamos "temerário") ímpeto ofensivo dos chefes militares**, com repercussões tácticas muito negativas. Quer por excesso de confiança, como parece ter sucedido com Afonso VI em Sagrajas, ou em Bourghéroulde com Waleran de Meulan; quer por orgulho, sentimento de honra ou pura bravata, como aconteceu com Estêvão em Lincoln (quis combater para não manchar a sua reputação com a vergonha de uma fuga), com Frederico I em Legnano (insistiu no combate porque achou que a sua condição imperial não autorizava uma retirada) e ainda com Afonso VIII em Alarcos (abandonou uma posição favorável por galhardia e, no final, terá querido morrer de armas na mão). Ligeiramente distintos nos parecem ser os casos de Luís VI em Brémule (por impaciência e

individualismo cavaleiresco, precipitou o combate com claro défice de organização interna) e de Simão *O Jovem* em Evesham (sob influência provável da raiva e da dor causadas pela morte do filho diante dos seus olhos, persistiu num combate para o qual não estava preparado). Em todos estes casos, os líderes referidos seriam severamente derrotados no final do dia.

21. no registo oposto, colhemos exemplos de **comportamento cobarde** em Lincoln (onde a cavalaria de Estêvão abandonou o rei antes do tempo) e talvez em Las Navas (onde o califa almóada fugiu). De um modo geral, parece que a cavalaria era mais propensa à fuga do que a peonagem, até porque dispunha de muito maior mobilidade para o efeito...

22. quanto à **qualidade do comando**, são múltiplos os exemplos que atestam a sua enorme relevância no resultado final dos combates. Em Sagrajas, Uclés e Alarcos, foram essenciais as manobras de envolvimento e ataque à retaguarda coordenadas pelos comandantes muçulmanos. Em Hastings, a retirada simulada dos Normandos de Guilherme decidiu a jornada. Em Tinchebrai e Brémule, Henrique I fornece exemplos precoces de cavalaria desmontada (embora Harold, em Hastings, também já tenha utilizado esse recurso). Em Thielt, foi a reserva escondida de Clito que garantiu a vitória sobre um adversário mais numeroso (embora inferior em número de cavaleiros). Em Las Navas, o comando de Afonso VIII foi a vários títulos notável: observação demorada do inimigo; protecção cuidadosa dos flancos; excelente temporização das cargas de cavalaria, em especial na fase final. Em Muret, Simão de Montfort foi genial na surtida dissimulada dos Cruzados, logo ao amanhecer, seguida de uma marcha junto ao rio e de um ataque-relâmpago, em carga ordenada, sobre as forças de Pedro II de Aragão, a que se seguiu ainda um ataque flanqueante do 3.º corpo cruzado sobre a retaguarda inimiga. Em Lewes, Simão *O Jovem* conseguiu apanhar o seu adversário de surpresa, de manhãzinha, no acampamento, e soube também liquidar o resto do inimigo (a coluna do príncipe Eduardo, inicialmente bem sucedida) quando esta regressava de uma longa perseguição. Por fim, em Tagliacozzo, Carlos de Anjou conseguiu o feito (raro) de reagrupar a sua hoste depois do desbarato inicial, o que lhe permitiu igualmente vencer o adversário quando este voltava de uma perseguição descuidada. Carlos, aliás, já em Benevento tinha dado mostras de saber da poda, quando instruiu os seus para atacar de ponta os cavaleiros de Manfredo. Como exemplos negativos,

i.é, de exercício de **mau comando**, podemos citar os casos de Afonso VI em Sagrajas (precipitou o combate por excesso de confiança), de Luís VI em Brémule (aceitou combater contra um adversário superior), de Waleran de Meulan em Bourgthéroulde (ignorou também os conselhos prudentes para não lutar), de David I da Escócia em Standard (permitiu aos "Galwegians" colocar-se na linha da frente), de Estêvão em Lincoln e de Frederico I em Legnano (nunca deviam ter combatido naquelas condições), de Afonso VIII em Alarcos (não esperou pelos reforços leoneses, abdicou de uma posição vantajosa e atacou "rapidamente e sem ordem"), dos aliados em Muret (falta de organização interna na hoste de Pedro II, acrescida de uma liderança divergente entre o rei de Aragão e o conde de Toulouse, que advogava uma tática mais defensiva), de Otão IV em Bouvines (não esperou pela chegada de toda a hoste ao campo de batalha), do príncipe Eduardo em Lewes (inebriu-se numa perseguição prolongadíssima, desvalorizando o que se passava no resto do campo de batalha), de Simão O *Jovem* em Evesham (não devia ter insistido no combate após a morte do filho) e, por fim, de Corradino em Tagliacozzo (a desorganização depois de uma 1.^a vitória resultou em chacina às mãos de um adversário que conseguira reagrupar). A importância dos comandantes nota-se ainda, bastante bem, na forma como os exércitos parecem ficar perdidos perante as notícias (ou os boatos) das suas mortes ou fugas, tal como se verificou em Hastings (morte de Harold e rumor da morte de Guilherme), em Legnano (rumor da morte de Frederico I) e em Bouvines (fuga de Otão IV). Não é também por acaso que, em Worringen, segundo a *Rijmkronik*, o duque de Brabante deu instruções claras aos seus homens para procurar abater os mais nobres de entre os adversários...

23. a análise dos 20 casos seleccionados permite concluir também que **raramente uma batalha era desejada por ambas as partes**. Só em Hastings (Harold *versus* Guilherme), em Tinchebrai (Henrique I *versus* Robert Curthose) e em Bouvines (Filipe Augusto *versus* Otão IV e seus aliados) isso parece ter sucedido. Curiosamente, são casos de disputas ao mais alto nível, com paradas extremamente elevadas! Muito mais frequentes são os casos de batalhas provocadas por apenas um dos lados, às quais a outra parte não consegue ou não admite furtar-se por variadas razões (também políticas, psicológicas e até morais). Foi assim em Sagrajas (onde os muçulmanos devem ter sido apanhados de surpresa: os cristãos terão, aliás, quebrado um pacto entre as partes quanto ao dia do combate), em Bourgthéroulde (Waleran de Meulan foi apanhado

por Odo Borleng e seus companheiros no regresso de uma expedição de socorro a um seu castelo), em Legnano (Frederico I foi interceptado a caminho entre Como e Pavia), em Las Navas (onde os muçulmanos devem ter sido surpreendidos pela travessia do desfiladeiro pelos cristãos), em Lewes (Henrique III foi aqui apanhado de surpresa acampado, de manhã cedo, por Simão O *Jovem*) e em Maes Madog (onde Eduardo I foi interceptado por Magog).

24. muitas vezes, as batalhas surgiam **na sequência (directa ou indirecta) de operações de cerco a castelos ou praças-fortes**. Veja-se o que aconteceu em Tinchebrai (Henrique I cercara este castelo e o seu irmão Robert Curthose acorreu para o descercar), em Uclés (o infante D. Sancho foi em socorro da praça cercada por Tamin), em Bourghéroulde (Waleran de Meulan foi apanhado no regresso de uma expedição de socorro ao seu castelo de Vateville), em Thielt (William Clito acorreu em socorro de um partidário seu, cercado por Thierry), em Lincoln (Estêvão respondeu ao apelo do bispo e da população para cercar e recuperar esta praça; o conde de Chester e Robert of Gloucester partiram então em socorro da guarnição, para tentar o descerco) e em Muret (onde Simão de Montfort se viu sitiado pelas forças aragonesas-catalãs-occitanas).

25. noutros casos, a batalha surgiu **no contexto de uma cavalgada devastadora ou de uma operação de *raid*** lançada por uma das partes. Foi assim em Jerez (onde os habitantes do lugar saíram para fazer frente a Alvar Pérez de Castro e ao infante D. Afonso de Molina, que lhes "corriam a terra") e em Maes Madog (onde Eduardo I foi apanhado durante um *raid* temerário no Norte de Gales). Mas também podia haver autênticas **emboscadas**, como se verificou em Evesham (quando o príncipe Eduardo interceptou Simão O *Jovem* no Worcestershire, no momento em que este pretendia unir as suas forças às do filho).

Estes 25 pontos já respondem, julgamos, ao essencial do inquérito que delineámos na introdução a este trabalho. Resta-nos, por isso, deixar aqui algumas notas finais. A primeira, para sublinhar que o terreno parece não ter sido decisivo em nenhuma das batalhas consideradas. Em algumas, como em Hastings ou em Las Navas, o vencedor até estava em desvantagem neste particular. Mais importantes parecem ter sido as fortificações artificiais, do género das *carroccios* utilizadas pelos Ingleses em Standard e pelos Milaneses e seus aliados em Legnano (também pelo seu valor psicológico e simbólico).

Por outro lado, insistimos na ideia de que so entre os exércitos muçulmanos é que a cavalaria ligeira parece ter desempenhado com regularidade um papel importante. Também por isso, as manobras de envolvimento e de ataque pela retaguarda são mais comuns nas hostes islâmicas. Ao contrário, cavaleiros combatendo a pé surgem sobretudo (ou até quase exclusivamente) nas guerras anglo-normandas. No que toca a boa infantaria, só a anglo-saxónica (Hastings, Maes Madog), a das cidades lombardas (Legnano) e a mercenária (Bouvines: lanceiros brabanções) merecem verdadeiramente esse designativo. Quanto a boa articulação entre várias "armas", isso é muito mais nítido nos casos anglo-normando e, sobretudo, muçulmano. Registe-se também que, embora pouco presentes nos relatos dos cronistas, os atiradores (arqueiros ou besteiros) podiam ter um papel decisivo no desfecho das batalhas (como aliás é patente nos casos de Bourgthéroulde, de Standard e de Maes Madog, já para não falar de Hastings).

Também seria interessante tentar perceber se existiu uma evolução táctica relevante entre os finais do séc. XI (1.º caso considerado: Hastings-1066) e os finais do séc. XIII (último caso analisado: Maes Madog-1295). Sinceramente, não nos parece haver mudanças radicais, desde logo porque a tecnologia não se alterou de forma significativa entre uma data e outra. A cavalaria pesada e o uso da lança deitada já estão documentadas em Hastings, assim como o recurso a atiradores com arco (*vide*, para ambas as situações, a famosa Tapeçaria de Bayeux). O mais importante terá sido, talvez, o uso mais sistemático de cavalaria apeada (designadamente nas batalhas da guerra anglo-normanda: 1.ª metade do séc. XII) e, provavelmente, a consolidação dos mecanismos de carga da cavalaria pesada ao longo do séc. XIII (Las Navas-1212, Muret-1213, Bouvines-1214, Jerez-1231, Tagliacozzo-1268) em consequência da afirmação dos "cavaleiros" no quadro da hierarquia sócio-militar própria da feudalidade. Outros aspectos tácticos, como p. ex. os envoltimentos pelos flancos, os ataques sobre a retaguarda, as fugas simuladas ou o uso de reservas, tudo recursos muitíssimo relevantes, parecem-nos verdadeiramente intemporais (e podem, por isso mesmo, ser também reconhecidos em batalhas do período clássico, nomeadamente nas protagonizadas pelos exércitos macedónios, cartagineses e, sobretudo, romanos).

Uma referência final para sublinhar que a ausência da infantaria (tradicional ou mercenária) dos relatos dos cronistas pode desequilibrar o nosso quadro analítico, que assim não poderá ser entendido senão

como meramente provisório. Também mereceria melhor averiguação a questão dos campos de batalha: são na maior parte das vezes terrenos planos (ou quase), mesmo quando são exércitos que utilizam largamente a cavalaria apeada a escolher o local do combate (*vide* Henrique I nas guerras anglo-normandas). De igual modo, a duração dos combates, além de muito variável, parece por vezes desproporcionada relativamente aos efectivos envolvidos e, sobretudo, ao número de baixas deles resultante. A acreditar nas fontes disponíveis, em Hastings, em Legnano, em Muret, em Bouvines, em Las Navas e em Worringen, p. ex., combateu-se durante várias horas. Ora, ou estes combates foram pontuados por intervalos significativos (o que em si mesmo não é uma ideia a rejeitar), ou então não poderiam deixar de se traduzir numa mortandade maior do que aquela que foi possível apurar.

A este propósito, merece igualmente destaque a participação pessoal de reis, de príncipes, de imperadores ou de califas nas 20 batalhas consideradas neste estudo, sendo que vários deles chegaram a ser feridos, ou foram mesmo mortos durante os combates. Foi assim com o rei Harold de Inglaterra em Hastings, com o infante castelhano D. Sancho em Uclés e com Pedro II de Aragão em Muret (todos eles perderam a vida nestas batalhas), mas também com Henrique I de Inglaterra em Brémule, com o rei Estêvão de Inglaterra em Lincoln, com o imperador Frederico I em Legnano e com Filipe Augusto em Bouvines (tudo casos de líderes políticos que passaram maus bocados, sendo feridos e/ou vendo as suas montadas abatidas em plena refrega). Também merecem realce os casos de Henrique III de Inglaterra (feito prisioneiro durante a batalha de Lewes) e de Corradino (capturado em Tagliacozzo e posteriormente executado por Carlos de Anjou). Ao que se vê, o comando militar era ainda muito presencial e temerário, o que denuncia algum retrocesso relativamente ao exemplo herdado dos exércitos romanos dos períodos republicano-tardio e imperial. Tudo conclusões provisórias e que deverão ser aprofundadas em futuros estudos sobre a arte militar dos sécs. XI, XII e XIII. Esperamos, pelo menos, ter ajudado os nossos leitores a arrumar um pouco melhor a suas ideias e oxalá os tenhamos também entusiasmado a partirem à procura de novos elementos sobre uma temática tão apaixonante.